

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE JORNALISMO

PAULO VICTOR SOUSA FÉLIX

PERCEPÇÕES ATÍPICAS:
UMA ANÁLISE DE FÓRUNS DO SITE REDDIT EM RELAÇÃO A
CARACTERÍSTICAS AUTISTÍCAS DO PERSONAGEM *DOCTOR* (*DOCTOR WHO*)

Uberlândia - MG

2025

PAULO VICTOR SOUSA FÉLIX

PERCEPÇÕES ATÍPICAS:

UMA ANÁLISE DE FÓRUNS DO SITE REDDIT EM RELAÇÃO A
CARACTERÍSTICAS AUTISTÍCAS DO PERSONAGEM *DOCTOR* (*DOCTOR WHO*)

Monografia apresentada na Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Nuno Manna

Uberlândia - MG

2025

A cada pessoa que tocou minha alma em
todos estes anos

AGRADECIMENTOS

É estranho pensar o quanto a gente é definido por, pasmem, gente. Claro, pessoas vêm e vão, estacionam em fases diferentes da vida, às vezes permanecem e muitas vezes vão embora. Este texto é dedicado a cada alma que me tocou, e que eu espero ter tocado também.

Existem cinco pessoas sem as quais eu não estaria escrevendo esta monografia hoje. Minha mãe Sueli, meu pai Júnior e minhas irmãs Marina, Anna Júlia e Vitória. Obrigado mesmo por me fazerem casa quando eu não consegui ser meu próprio lar. Cada risada, briga ou até mesmo o momento mais fútil agarrando um dos nossos seis gatos me constituiu. Palavras medem muita coisa, mas não conseguem mensurar o quanto eu amo vocês.

Não é segredo para ninguém o quanto o ensino médio no IFTM foi um divisor de águas na minha vida. Boa parte das experiências vividas lá tem a presença de algumas pessoas, com ênfase em Ana, a pessoa mais angelical que já conheci e Rosiane, a âncora capaz de me manter firme na mais forte tempestade. Outros amigos também me ajudaram imensamente na jornada pela adolescência. Sou grato a Gilberto, Heitor, Lucas, Karynne, Bárbara, Tainá, Camila e Laura pelos momentos compartilhados no caos do ensino integral.

A UFU me abalou com turbulências, porém, trouxe bênçãos na mesma medida. Impossível não agradecer ao saudoso Nuno Manna, meu orientador, maior inspiração no meio acadêmico e é claro, um ótimo amigo. Nosso contato mudou os rumos da minha vida e me fez entender quem eu realmente sou. Dentre os amigos cultivados na jornada, teço palavras especiais a quatro deles: Leandro, por não desistir de mim mesmo quando eu desisti; Ulisses, por me proporcionar as melhores reflexões sob a luz do pôr do sol; Isadora, por refletir o quão boa e gentil uma pessoa pode ser e Brenda, por ser a pessoa mais corajosa e confiante deste mundo. Sem vocês estes quatro anos seriam extremamente amargos.

Outras pessoas também foram de suma importância na universidade e na vida. Sou grato a Estela, Vivian, Wylo, Amanda, Ana Clara, Roberto, Bia, Allan e Luísa, para citar alguns, por terem me acompanhado nos caminhos tecidos. De uma forma ou outra vocês moldaram minha personalidade e minha forma de ver os acontecimentos do trajeto.

Por muito tempo eu pensei que devia copiar aspectos de outras pessoas para ser alguém pleno. Hoje eu percebo o oposto: minhas singularidades são meu combustível. Dedico este último agradecimento ao Paulo de 2016. Obrigado por lutar e aguentar cada crise, choro e pensamento suicida. Tenho o prazer de te contar: nós conseguimos.

“Todos nós somos histórias no fim. Só faça
da sua uma história boa, certo?”

(Doctor Who, 2010)

FÉLIX, Paulo Victor Sousa. **Percepções atípicas: uma análise de fóruns do site Reddit em relação a características autistas do personagem *Doctor* (Doctor Who).** 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025

RESUMO

Esta monografia analisa percepções de fãs sobre possíveis traços autistas do personagem Doutor, protagonista da série britânica *Doctor Who*, com base em teorias desenvolvidas por usuários na plataforma online *Reddit*. A pesquisa investiga como essas interpretações, muitas delas formuladas como *headcanons*, refletem debates contemporâneos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), dialogando com os modelos médico e da neurodiversidade. Também se discutem conceitos ligados à cultura dos fandoms e às práticas de reapropriação simbólica por parte de fãs autistas e/ou neurodivergentes. Os fóruns estudados revelam tanto concordâncias quanto divergências sobre a leitura do Doutor como autista, expondo tensões entre identificação pessoal, representatividade e canonicidade. A partir da análise, observa-se que as leituras feitas pelos fãs não apenas ressignificam o personagem, mas também ampliam o debate sobre inclusão e subjetividade dentro de comunidades online voltadas a mídias ficcionais.

Palavras-chave: Autismo, Doctor Who, fandom, headcanon.

FÉLIX, Paulo Victor Sousa. **Percepções atípicas: uma análise de fóruns do site Reddit em relação a características autísticas do personagem *Doctor* (Doctor Who).** 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

ABSTRACT

This monograph analyzes autistic perceptions made by fans attributed to the character Doctor, from the British series *Doctor Who*, based on fan theories shared on Reddit. The study explores how these interpretations, many framed as headcanons, interact with contemporary discussions about Autism Spectrum Disorder (ASD), drawing on both the medical model and the neurodiversity paradigm. It also examines concepts related to fandom culture and symbolic reappropriation practices by autistic and/or neurodivergent fans. The analyzed forum posts reveal a variety of perspectives, with some users supporting and others challenging the idea of reading the Doctor as autistic. These discussions highlight tensions between personal identification, representation, and narrative canon. Through this analysis, the study shows that fan interpretations not only reframe the character but also contribute to broader debates on inclusion, identity, and subjectivity within online communities centered on fictional media.

Keywords: Autism, Doctor Who, fandom, headcanon, theories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS FACES DO AUTISTA	16
3 CONSTRUINDO UM FANDOM	25
4 EXAMINANDO O DOUTOR	34
3.1 Posts no subreddit “r/doctorwho”	35
3.2 Posts nos subreddits “r/aspiememes”, “r/AutisticWithADHD” e “r/FanTheories”	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Segundo a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), publicada em 2013, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado como uma condição do neurodesenvolvimento marcada por dificuldades persistentes na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O termo “espectro” reforça a diversidade na forma como esses sinais se manifestam, variando significativamente entre os indivíduos em função da intensidade dos sintomas e do grau de suporte necessário para a vida cotidiana.

Embora o diagnóstico possa ocorrer nos primeiros anos de vida, muitos autistas chegam à vida adulta sem identificação formal, convivendo com sintomas que muitas vezes são mascarados por estratégias de adaptação social, como no fenômeno conhecido como *masking* ou camuflagem, em que a pessoa tenta simular comportamentos típicos para se adaptar em contextos normativos (Rocha et al, 2024).

Esse diagnóstico tardio é particularmente comum entre adultos, e pode gerar tanto alívio quanto confusão emocional. Segundo Vieira (2023), muitos adultos autistas relatam sentimentos de deslocamento durante grande parte da vida, sem saber nomear o motivo. Quando finalmente recebem o laudo, buscam, muitas vezes, elaborar essas vivências por meio da identificação com personagens de narrativas na cultura midiática. O processo de reconhecimento simbólico funciona como ferramenta de reconstrução subjetiva, oferecendo representações com as quais podem se ver refletidos, mesmo que esses personagens não tenham sido oficialmente escritos como autistas. Nesses casos, o diagnóstico clínico é complementado também por uma leitura afetiva, validada não pela produção oficial da obra, mas pela experiência de quem a consome.

Esse tipo de leitura é chamado de *headcanon* por diversos autores, como por Beneti (2021). O conceito que surgiu entre comunidades de fãs e se refere a crenças pessoais de que determinado aspecto de um personagem é verdadeiro, mesmo sem confirmação pelos criadores da obra. A autora observa que essas interpretações funcionam como espaços de reinvenção e representatividade, mesmo que inicialmente vistos como interpretações individuais. Quando compartilhados, todavia, tornam-se parte do imaginário coletivo daquela obra em questão, muitas vezes considerado como canônico pelos fãs da mídia.

A elaboração de um *headcanon* que atribui características autísticas a um personagem não equivale a um diagnóstico formal. O processo clínico para identificar o Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve uma análise criteriosa que abrange não apenas os comportamentos atuais, mas também aspectos do desenvolvimento na infância e possíveis comorbidades que servem como apontamentos para o diagnóstico do espectro (Beneti, 2021). Nesse sentido, o *headcanon* deve ser compreendido como uma leitura afetiva e simbólica do fã, uma forma de apropriação identitária que se baseia menos em critérios técnicos e mais em reconhecimento subjetivo e ressonância emocional com o personagem.

Nas redes sociais, fóruns virtuais e comunidades online, é cada vez mais comum a formulação de *headcanons* autistas a partir da leitura de comportamentos atípicos, padrões de fala, interesses fixos ou dificuldades sociais em figuras populares da cultura pop. Nomes como Peter Parker (Homem-Aranha), Sheldon Cooper (*The Big Bang Theory*) e Sherlock Holmes são frequentemente citados como exemplos de personagens que apresentam traços relacionados ao espectro, ainda que nunca tenham sido oficialmente definidos dessa forma. Dentro desse panorama, destaca-se o personagem central desta pesquisa: o Doutor, protagonista da série britânica *Doctor Who*, cuja estrutura narrativa permite múltiplas abordagens interpretativas a partir das diferentes regenerações do personagem.

Doctor Who (Doutor Quem, em tradução literal) é um seriado de ficção científica criado pelo canal de TV britânico BBC, com seus primeiros episódios exibidos no ano de 1963. Com mais de seis décadas de existência, *Doctor Who* consolidou-se como um marco cultural britânico. O personagem-título, pertencente à raça fictícia dos Senhores do Tempo (Time Lords), possui a habilidade de regenerar-se ao sofrer ferimentos fatais, o que resulta na mudança de aparência, personalidade e comportamento. Esse recurso narrativo, usado para justificar a troca de atores ao longo dos anos, é um dos fatores que permite a diversidade de traços comportamentais no mesmo personagem, o que, por sua vez, abre espaço para a identificação de fãs com distintas vivências. Segundo Manning (2015), essa abertura simbólica da série permite que sujeitos neurodivergentes, em especial pessoas autistas, reconheçam em diferentes versões do Doutor elementos que refletem suas próprias formas de experienciar o mundo.

Em especial, fãs autistas relatam perceber, em algumas encarnações do Doutor, características como hipersensibilidade sensorial, dificuldade para interpretar normas sociais, hiperfoco em determinados assuntos, e modos excêntricos de se comunicar, todos traços compatíveis com manifestações comuns do TEA. Essa identificação subjetiva se fortalece justamente pelo fato de o personagem ser um alienígena, cuja lógica, expressividade e comportamento destoam dos padrões humanos.

Essa alteridade narrativa opera como metáfora da experiência autista de viver em um mundo neurotípico, oferecendo aos fãs uma figura com a qual podem se sentir vistos, mesmo sem validação canônica. Como observa Vieira (2023), esse tipo de reconhecimento não se trata de representação direta, mas de uma representação simbólica, no qual a ficção cumpre o papel de traduzir experiências reais de maneira emocionalmente significativa.

Dessa forma, o *headcanon* autista aplicado ao Doutor transcende a especulação sobre “o que ele é” dentro da diegese da série, e se inscreve como um gesto de afirmação. A partir da leitura neurodivergente, o fandom transforma o personagem em uma ferramenta de visibilidade e validação de experiências historicamente invisibilizadas.

Esse processo não ocorre apenas em *Doctor Who*, mas em diversas produções culturais nas quais personagens excêntricos ou fora dos padrões passam a ser ressignificados como representações possíveis de subjetividades neurodivergentes. Esses *headcanons* funcionam como “espelhos ficcionais” que ajudam a constituir identidades, ampliando o repertório de pertencimento e autocompreensão de seus espectadores.

A pesquisa tem em vista a construção singular de subfóruns presentes no Reddit em vista, sendo esse portal da internet um tipo de mídia social que aglomera múltiplos “subfóruns”, nomeados de subreddits, nos quais pessoas discutem assuntos diversos, desde tópicos cotidianos, como culinária, até assuntos acadêmicos, como física ou biologia. Com isso em mente, essa pesquisa busca perceber como comunidades de pessoas autistas em fóruns virtuais no site em questão se apropriam das múltiplas narrativas e encarnações do personagem Doutor, do seriado Doctor Who, para construir noções pessoais e coletivas sobre o TEA.

Este trabalho ressoa diretamente com a história de vida do pesquisador, que é autista. Compreender as nuances do diagnóstico tardio do TEA vem se tornando

essencial para a inclusão de adultos neurodivergentes na sociedade. Tendo isso em vista, o presente pesquisador já realizou trabalhos científicos relacionados à temática, como nos trabalhos realizados no trabalho “Narrativas de diagnóstico tardio e vivências autistas: um estudo de catástrofes cotidianas” (Félix; Manna, 2022), abrangendo perfis no Instagram de pessoas autistas ativistas pela causa do TEA, e durante estas análises, notou o senso de comunidade em redes sociais por parte desses adultos autistas. O trabalho também é feito em conjunto com o Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade da Universidade Federal de Uberlândia, o Narra, que o autor integra desde janeiro de 2021. A ligação ao projeto “Catástrofes Cotidianas”, desenvolvido em conjunto com o CNPq por meio do programa Pró-Humanidades, foi de suma importância para as noções teóricas desenvolvidas no trabalho.

Além disso, a inserção do pesquisador no Coletivo Infinitum, grupo de estudantes autistas da Universidade Federal de Uberlândia, proporcionou o acesso a discussões internas sobre as percepções que pessoas no espectro constroem sobre sua presença (ou ausência) em produções midiáticas. Essas trocas, muitas vezes realizadas em grupos de aplicativos de mensagens, revelaram uma ânsia compartilhada por representações mais amplas e não estigmatizantes de pessoas autistas. Embora o cenário contemporâneo conte com personagens diagnosticados oficialmente com TEA, há um descontentamento recorrente por parte da comunidade neurodivergente em relação à forma como essas figuras são retratadas.

Personagens são frequentemente construídos com base em estereótipos simplistas ou caricatos, como o gênio isolado, o incapaz de empatia, ou o infantilizado, ignorando a complexidade da condição e apagando, sobretudo, pessoas autistas de suporte nível 1, que apresentam maior autonomia em relação à autistas de outros níveis de suporte. (Beneti, 2021)

Esse panorama revelou ao pesquisador um desafio metodológico: como organizar e compreender as diferentes formas com que estudantes neurodivergentes se apropriam de personagens ficcionais e os leem enquanto autistas, mesmo na ausência de confirmação canônica? Ao solicitar indicações de obras que abordassem o espectro, surgiram nomes de personagens oficialmente autistas, como o discípulo Mateus, da série bíblica *The Chosen*, ou Shaun Murphy, da série *The Good Doctor*, mas também um expressivo número de sugestões de figuras cuja suposta neurodivergência está ancorada na percepção subjetiva de fãs. Nesse contexto, o

conceito de *headcanon* desponta como ferramenta teórica útil para dar conta dessas interpretações.

A escolha pelo seriado *Doctor Who* como foco da pesquisa partiu não apenas de uma afinidade pessoal, mas sobretudo da riqueza e constância dos debates sobre o autismo do protagonista nos fóruns digitais e redes sociais. O fato de o Doutor ser um personagem mutável, cuja personalidade se reinventa a cada regeneração, amplia as possibilidades de identificação e ressignificação por parte de públicos diversos, incluindo pessoas no espectro.

A escassez de estudos sobre o autismo no campo da Comunicação, em especial no Brasil, ainda configura uma lacuna significativa. Grande parte das pesquisas que abordam o TEA se concentram nas áreas da psicologia, educação e saúde, negligenciando as dinâmicas simbólicas e representacionais que moldam o imaginário social sobre pessoas autistas. De acordo com Ferrari (2022), a mídia tradicional, ao invés de atuar como espaço de valorização da neurodiversidade, frequentemente reforça narrativas hegemônicas que oscilam entre o estereótipo do “gênio incompreendido” e o da “criança eterna”. Ao trazer para o centro da análise uma leitura comunicacional das práticas de fandom, esta pesquisa busca romper com esse binarismo, valorizando as produções de sentido construídas pelos próprios sujeitos neurodivergentes.

Para além da análise de personagens, é fundamental observar como plataformas digitais, como o Reddit, têm se configurado como ambientes de resistência simbólica. Nessas redes, fãs autistas podem construir comunidades de acolhimento, onde trocam experiências, validam interpretações afetivas e constroem novas narrativas de pertencimento.

O uso de *headcanons* como forma de representar identidades neurodivergentes não se limita a um exercício de imaginação; trata-se, como argumenta Castro (2023), de um “agenciamento afetivo e discursivo” que busca deslocar os centros de poder da produção cultural e afirmar outras formas de ser e existir. Assim, a escolha por analisar *Doctor Who* sob essa ótica insere-se em um movimento mais amplo de reivindicação por visibilidade, complexidade e pluralidade dentro e fora da ficção.

No próximo capítulo trazido, serão abordadas noções em torno do TEA, trazendo o histórico do transtorno e também percepções terapêuticas ligadas ao espectro, sejam elas relacionadas a teoria médica, predominante na área da saúde

ou na teoria da neurodiversidade, elaborada por autistas e pais de pessoas com TEA. No capítulo seguinte, as noções de *fandom* e percepções em torno do ser fã serão trazidas, além de trabalhar conceitos em torno do *headcanon* e de representações autistas em mídias, assim como as particularidades do fandom do seriado Doctor Who. Posteriormente, no capítulo de análises, intitulado “Examinando o Doutor”, interpretações em torno de traços autistas do personagem presentes no site Reddit, em subfóruns focados tanto em autismo quanto em teorias de fãs, serão analisadas à luz das percepções trazidas nos capítulos teóricos. Por fim, o conjunto do trabalho será analisado nas considerações finais, fechando o exercício de pesquisa.

2 AS FACES DO AUTISTA

Este capítulo pretende aprofundar a compreensão sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando suas definições, características e as diversas formas como foi percebido ao longo da história. Serão exploradas as distinções entre o modelo médico tradicional do TEA e as abordagens contemporâneas que emergem a partir da perspectiva da neurodiversidade, as quais buscam valorizar as diferenças neurológicas como parte natural da diversidade humana. Além disso, será discutido o conceito de capacitismo, uma forma de discriminação estrutural contra pessoas com deficiência, e analisadas as manifestações de preconceito enfrentadas por pessoas autistas.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - Quinta Edição (DSM-5) (American Psychiatric Association, 2014), o Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, combinados a padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. A apresentação do transtorno varia conforme a idade, o ambiente e as capacidades individuais, o que justifica sua concepção como um espectro. As dificuldades na reciprocidade socioemocional, na linguagem e na comunicação não verbal, bem como na compreensão de relações sociais, são amplamente influenciadas por fatores como suporte recebido e experiências anteriores.

Além dos aspectos sociais, o TEA se expressa por meio de outros critérios diagnósticos, como comportamentos repetitivos, interesses fixos e adesão rígida a rotinas, que podem incluir reações sensoriais incomuns (Asnis et al, 2019). Esses padrões podem ser sutis ou mais evidentes, e variam ao longo da vida. Mesmo quando não mais visíveis, comportamentos como esses podem ter estado presentes em alguma fase do desenvolvimento.

O transtorno manifesta-se de forma única em cada indivíduo, refletindo uma ampla gama de expressões cognitivas, comportamentais e sociais, vistos como um tipo de diferença humana do que como um transtorno em trabalhos de teóricos como Ortega (2009), por exemplo. Durante os anos 1940 até os meados da década de 1970, as concepções sobre o TEA eram pautadas por discursos que culpavam familiares, principalmente a figura materna, pela presença do autismo em crianças. Contudo, após os anos 70, novos conceitos mais complexos foram trazidos (Ortega,

2009). Para compreender as noções em torno do TEA, é necessária analisar o histórico do transtorno.

De acordo com Constantino (2023), o primeiro uso do termo “autismo” data de 1911, usado pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler para descrever uma característica da esquizofrenia relacionada ao desligamento da realidade. O médico trazia a teoria dos quatro As, conhecidos como sintomas primários da esquizofrenia, condição relacionada ao TEA inicialmente. São eles: associação frouxa de ideias, ambivalência, autismo e alteração. A condição passou a ser sistematicamente estudada por Leo Kanner e Hans Asperger na década de 1940, marcando o início de uma definição mais clínica. Como aponta a autora supracitada, tais incertezas estão diretamente associadas à multiplicidade de discursos produzidos por diferentes áreas do saber relacionadas à saúde, especialmente a medicina e a psicanálise, que construíram, ao longo da história, explicações ou contraditórias, ou reducionistas.

Crianças autistas, segundo Kanner, manifestavam desde a primeira infância um “desejo muito forte de solidão e ausência de mudança”, comportamentos vistos como traços do TEA (Bialer; Voltolini, 2021, p.5). Em suas análises iniciais, ele considerou como hipóteses causais tanto possíveis complicações gestacionais quanto dificuldades no vínculo estabelecido entre mãe e filho nos primeiros cuidados.

Este foi um dos enredos do autismo que teve profundas marcas não somente nessa geração, mas que impactaram reativamente e posteriormente várias manifestações de pais ressentidos por outrora serem considerados causadores do autismo por terem feito algo errado, sendo frios ou não amando suficientemente ou da maneira adequada (Bialer; Voltolini, p. 7).

Segundo Bialer e Voltolini (2021), após a formulação da teoria que atribuía o autismo à frieza emocional das mães, conhecida como teoria da “mãe geladeira”, o transtorno começou a ganhar visibilidade na imprensa e entre o público. A perspectiva que culpava pais e responsáveis provocou reações de indignação, especialmente por parte de mães de crianças autistas, como Ruth Sullivan, mãe de sete filhos, sendo um deles diagnosticado com TEA. Com o tempo, os pais passaram a ocupar um papel central na construção da narrativa sobre o transtorno, sendo frequentemente retratados como figuras de resistência e dedicação na busca por inclusão e reconhecimento de seus filhos na sociedade.

Ainda conforme os autores supracitados, não tardou até especialistas em áreas como psiquiatria, psicologia e neurologia que tinham filhos diagnosticados autistas começassem a pesquisar a condição. Foi o caso de Bernard Rimland,

psicólogo e um dos principais nomes da pesquisa do autismo. Ele ajudou a desenvolver trabalhos sobre possíveis “causas orgânicas” do transtorno, combatendo a noção da “mãe geladeira”. A identidade de “pais de autistas” se fortaleceu em grupos ao redor do mundo, trazendo um novo rumo para pesquisas no campo.

Outros pais começaram a questionar a produção científica médica sobre o autismo. Associações como a National Autistic Society (Sociedade Nacional para Crianças Autistas, em tradução livre) foram fundadas, buscando a criação de espaços horizontais de trocas de experiências entre pais de pessoas no espectro. Desta forma, a disseminação de saber sobre o TEA passou a ser mais vivida e compartilhada (Bialer Voltolini, 2021, p.9).

Com a ampliação do debate público e a circulação de múltiplas narrativas sobre o autismo, surgiram novas teorias populares que buscavam explicar a origem do transtorno em crianças. Entre elas, destacaram-se hipóteses não comprovadas cientificamente, como a associação com vacinas e a influência de deficiências nutricionais. Muitos pais, diante dessas especulações, passaram a ser pressionados a evitar a vacinação e a adotar dietas restritivas como forma de prevenção ou tratamento do autismo (Bialer; Voltolini, 2021, p. 8). Em paralelo a isso, novas abordagens terapêuticas começaram a se difundir, sendo a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) uma das mais influentes.

A popularidade da intervenção comportamental ABA se intensificou após os estudos conduzidos pelo psicólogo norueguês Ole Ivar Lovaas. Em 1987, ele publicou uma pesquisa demonstrando que cerca de 47% das crianças autistas submetidas a intervenções intensivas com ABA apresentaram desenvolvimento educacional e cognitivo similar ao de crianças neurotípicas, um dado que, à época, impulsionou a adoção global do método como uma tentativa de “normalização” de indivíduos autistas (Lovaas, 1987, p. 4).

Nas últimas décadas, no entanto, teorias contemporâneas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) vêm contestando paradigmas centrados em déficits e propondo uma compreensão mais plural e contextualizada da condição. A expansão de estudos clínicos, sociais e autobiográficos tem possibilitado o reconhecimento do autismo não apenas como diagnóstico médico, mas como uma forma distinta e válida de existência no mundo. Nesse contexto, a crítica ao modelo normativo de correção ganha força, impulsionada pelas próprias vozes autistas, que defendem uma abordagem centrada na valorização da neurodiversidade (Constantino, 2023, p. 18).

Exemplo desse movimento é o uso da musicalização como ferramenta terapêutica complementar. Um estudo de Asnis, Arantes e Elias (2019), publicado na *Revista Educação Especial*, investigou os efeitos do ensino de habilidades rítmicas em quatro meninos diagnosticados com TEA, utilizando cantigas de roda e instrumentos musicais. Os resultados indicaram que todos os participantes aprenderam a responder ao pulso musical e generalizaram essa aprendizagem para diferentes repertórios. Além disso, houve aumento significativo de comportamentos socialmente adequados, como seguir comandos e aceitar ajuda, e redução de comportamentos danosos, como desobediência e fuga da atividade.

Esse tipo de intervenção, ainda que inspirada em princípios da Análise do Comportamento Aplicada, distancia-se do modelo tradicional ABA ao não buscar a normalização de condutas, mas sim a ampliação das formas de expressão, interação e comunicação das crianças no espectro. Como argumentam os autores, a música atua não apenas como reforçador sensorial, mas também como meio de engajamento emocional e social, despertando comportamentos espontâneos e afetivos, como o sorriso e a atenção compartilhada, que dificilmente seriam observados em contextos escolares tradicionais (Asnis et al., 2019).

Essas evidências reforçam a necessidade de diversificar os recursos terapêuticos disponíveis para pessoas autistas, especialmente aqueles que respeitam suas formas singulares de vivenciar o mundo. A musicalização, nesse sentido, representa uma ponte entre o ensino estruturado e a liberdade criativa, um espaço de aprendizado que valoriza a diferença sem a apagar.

Tendo em vista o histórico de estudos sobre o autismo e o cenário atual no momento de desenvolvimento desta pesquisa, é possível perceber o que muitos autores vêm chamando de uma possível “epidemia do autismo”, marcada pelo aumento significativo no número de diagnósticos ao longo das últimas décadas. Esse fenômeno se deve principalmente às mudanças na maneira que a psiquiatria passou a classificar e compreender um conjunto de comportamentos já vistos na população, resultando em mais diagnósticos de autismo a pessoas que não seriam diagnosticadas no passado. Além disso, o número de pesquisas na área cresceu e cresce com o passar do tempo, assim como a diminuição no número de mortes de pessoas autistas antes confinadas a manicômios diminuiu (Rios; Ortega; Zorzanelli, 2015).

É comum que pessoas no espectro autista vivenciem situações de exclusão, isolamento ou incompreensão em contextos sociais diversos (Underhill et al., 2019). Essas experiências decorrem, na maioria, das dificuldades específicas em interpretar convenções sociais neurotípicas, como expressões faciais, entonações, gestos sutis e o uso de figuras de linguagem. A comunicação, para muitos autistas, não segue os padrões esperados pela maioria, o que pode gerar julgamentos equivocados sobre sua capacidade de interação.

Para muitos profissionais da saúde e pessoas neurotípicas, uma forma considerada “eficaz” de promover a inclusão social de indivíduos autistas é ensiná-los a suprimir ou disfarçar comportamentos considerados atípicos, como o contato visual irregular, o uso repetitivo da linguagem (conhecido como ecolalia), movimentos corporais autorregulatórios (como balançar o corpo ou abanar as mãos), além de modos alternativos de se expressar emocionalmente. Essa prática, conhecida como *masking* ou camuflagem social, visa adequar o comportamento do indivíduo às normas sociais neurotípicas, promovendo uma aparência de “normalidade”, embora tal perspectiva esteja longe de ser consensual. (Alaghband-Rad; Hajikarim-Hamedani; Motamed, 2023)

. Estudos recentes levantados por Alaghband-Rad, Hajikarim-Hamedani e Motamed (2023) demonstram a presença mais forte do *masking* em mulheres autistas. A causa dessa manifestação ainda é incerta, mas se dá por motivos que variam desde quantidade de hormônios até sistemas sociais nos quais mulheres estão inseridas mais frequentemente, como grupos de amigas. Outras pesquisas levantadas pelos mesmos autores em relação à camuflagem social em adultos demonstram que pessoas autistas buscam “compensar” os traços sociais vistos como deficitários por intermédio do *masking*.

Como foi mostrado, na percepção histórica, a compreensão do autismo esteve atrelada ao paradigma biomédico, que busca classificá-lo como um transtorno de base neurobiológica, pautado na identificação de déficits em relação a padrões considerados normais de desenvolvimento (Rios; Ortega; Zorzanelli, 2015). Esse enquadramento levou à criação de classificações cada vez mais detalhadas nos manuais diagnósticos, como o DSM-5 e a CID-11, reforçando a ideia de que o autismo seria uma patologia a ser diagnosticada, medida e, dentro do possível, tratada (American Psychiatric Association, 2014).

O modelo médico coloca a pessoa autista em um lugar patológico, tratando-a como um tipo de funcionamento anormal do cérebro, e sendo assim, buscando compreender como opera esta mente (O'Dell et al, 2016). Devido a estigmas médicos, certas percepções enxergam pessoas autistas até mesmo como “não humanas”. Devido às dificuldades de socialização e comunicação, sendo que em alguns casos alguns autistas são não-verbais, há certa resistência de alguns grupos de aceitar esses comportamentos como típicos de um ser humano. Tal condição é expandida para outras deficiências, encaradas como um tipo de deformidade ou doença (Sartoelli; Fonseca; Pinto, 2023).

Essas noções revisitam e reverberam o capacitismo, ou seja, a discriminação contra pessoas com deficiência. As concepções desse tipo de discriminação colocam essas pessoas como menos capazes ou aptas (Dias, 2013). Estudar e compreender o capacitismo é fundamental na visão de teóricos como Sartoelli, Fonseca e Pinto (2023), que consideram esse tipo de preconceito como estrutural na história da sociedade, sendo que bases sociais usam de fatores como o determinismo biológico para discriminar pessoas com deficiência, dentre elas pessoas autistas.

Uma metáfora usada por muitos no espectro é a noção de ser um alienígena no meio de terráqueos, de se mover e se comportar de maneira diferente de boa parte das pessoas (Mullis, 2018). Para combater esta percepção, existem movimentos que escapam dos estigmas médicos e educadores, reafirmando a importância de se discutir os direitos de pessoas com deficiência com a presença ativa deste grupo minoritário (Ortega, 2009).

Para os teóricos do modelo social, a deficiência não é uma tragédia pessoal; é um problema social e político. Ela não existe para além da cultura e do horizonte social que a descreve como tal e nunca pode ser reduzida ao nível biológico e/ou patológico (Ortega, 2009, p.68).

Durante os anos 90 e a virada do século XXI, floresceu uma nova visão em torno do espectro e de outros transtornos, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia e psicoses: a noção da neurodiversidade, elaborada pela socióloga Judy Singer em 1999 (Ortega, 2009). O movimento defende a possibilidade de que condições atípicas do cérebro humano não devem ser curadas, e sim respeitadas enquanto diferenças naturais. Pessoas autistas defensoras do movimento não consideram o transtorno algo maléfico, mas sim uma parte constituinte de si (Ortega, 2009).

O modelo da neurodiversidade parte de conceitos do modelo social da deficiência, originado nos anos 70 por lutas desenvolvidas por pessoas com deficiência por direitos e contra a segregação. (Rios; Ortega; Zorzanelli, 2015) Estudos baseados nesse modelo trazem a perspectiva da deficiência como parte da identidade de um sujeito, assim como a neurodiversidade (Araújo; Silva; Zanon, 2023).

O modelo social da deficiência e o movimento da neurodiversidade oferecem caminhos alternativos para compreender o autismo como uma variação natural da experiência humana, deslocando o foco do déficit individual para as barreiras sociais que limitam a participação plena dessas pessoas (Ortega, 2009). Liderado por autistas, o modelo defende que o autismo não deve ser visto como um erro a ser corrigido, mas como parte legítima da diversidade humana, propondo uma abordagem voltada ao social, permitindo que pessoas com TEA e familiares dessas pessoas militem a favor do autismo e contra possíveis “curas” (Araújo; Silva; Zanon, 2023).

Sendo assim, dificuldades impostas pela deficiência, como o autismo, deixam de constituir apenas um problema individual, mas também uma barreira social que precisam ser enfrentadas como tal. No caso do TEA, entendê-lo não como uma doença, mas sim enquanto um tipo de diferença social, auxilia na inclusão e melhor compreensão de comportamentos ditos como “atípicos” (Araújo; Silva; Zanon, 2023).

Um dos objetivos da neurodiversidade é promover o orgulho de pessoas no espectro como uma minoria social, unindo pessoas autistas e outros grupos, como pais atípicos. Desta maneira, esse movimento prega também a maior difusão de conhecimento dos comportamentos de pessoas com TEA, seja eles hiper ou hipossensibilidade sensorial, ou os chamados *stims*, comportamento de autorregulação feito por autistas, vistos como inadequados desde o início dos estudos em relação ao espectro (Kapp et al, 2019).

A tentativa de suprimir esses comportamentos, tendo como exemplo balançar as mãos, repetir sons ou andar em círculos, tem sido amplamente criticada por estudiosos e ativistas autistas, pois representa uma forma de violência simbólica contra formas legítimas de expressão neurológica. Segundo Kapp et al. (2019), os *stims* desempenham um papel crucial na autorregulação emocional e sensorial de pessoas autistas e, ao invés de serem tratados como sinais de distúrbio, deveriam ser compreendidos como estratégias de bem-estar.

Este modelo visa reduzir sintomas do transtorno e déficits de comportamento da pessoa autista, em busca de normalizar as condições de vida desta. Muitos pais de crianças autistas são defensoras do método médico (Kapp et al, 2013), alegando que o tratamento precoce auxilia na maior autonomia da criança no futuro.

Pesquisas realizadas por Kapp et al (2013) mostram que autistas são mais propensos a não criticar o movimento da neurodiversidade do que pessoas neurotípicas. Apesar disso, os dados coletados pela pesquisa também mostram que a amostra analisada levava em conta também as dificuldades e déficits trazidos pelo autismo, transcendendo uma falsa dicotomia entre celebrar as diferenças da neurodiversidade e as problemáticas trazidas pelo movimento médico.

Desde a publicação do DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014), o Transtorno do Espectro Autista passou a ser classificado com base em três níveis de suporte, definidos conforme a intensidade de apoio necessário em áreas como comunicação social e comportamentos repetitivos. O nível 1 corresponde àqueles que requerem menor suporte, geralmente com maior autonomia em atividades cotidianas; o nível 2 refere-se àqueles que precisam de suporte substancial, com dificuldades mais evidentes na interação social e na adaptação a mudanças; e o nível 3 abrange os indivíduos que necessitam de suporte muito substancial, frequentemente não verbais ou com sérios comprometimentos na autonomia (American Psychiatric Association, 2014). A CID-11 segue lógica semelhante, com foco nos prejuízos na linguagem funcional e na cognição, abandonando antigas subcategorias como "Síndrome de Asperger" e "autismo infantil" (OMS, 2018). Essa classificação por níveis gera discussões importantes nos estudos sociais da deficiência, especialmente quanto à representação e visibilidade das diferentes experiências dentro do espectro.

Sendo assim, a multiplicidade de manifestações do TEA persistem e trazem noções abrangentes tanto para as noções médicas do transtorno quanto para movimentos como a neurodiversidade. Nisso, o autismo segue no limbo entre transtorno do neurodesenvolvimento e diferença neurológica, que pode ser resolvido por intermédio de políticas públicas feitas por governantes (Ortega, 2009).

Parte dos críticos do movimento da neurodiversidade, especialmente familiares de pessoas autistas com maiores necessidades de apoio, argumenta que esse movimento não representa a totalidade da comunidade autista. Frequentemente, essa crítica parte de pais e cuidadores de pessoas classificadas nos

níveis 2 ou 3 de suporte, cujos filhos enfrentam desafios mais significativos relacionados à comunicação e autonomia (Ortega, 2009).

Segundo esses críticos, o movimento da neurodiversidade é liderado predominantemente por autistas de nível 1, considerado mais "funcionais" e com maior capacidade de verbalização e articulação política, o que levaria à invisibilização das experiências de autistas com maior necessidade de suporte. Tais apontamentos são rebatidos por pessoas dentro do movimento, que afirmam que pessoas de outros níveis de suporte também estão presentes no movimento e possuem voz ativa nas discussões (Araújo; Silva; Zanon, 2023).

As representações midiáticas do autismo, muitas vezes, moldam as expectativas sociais e influenciam diretamente a maneira como o público entende o espectro, promovendo estereótipos ou, por outro lado, fomentando empatia e reconhecimento. Estudos como o de Draaisma (2009) apontam que representações recorrentes de autistas na cultura popular tendem a enfatizar figuras de "gênios solitários" ou "indivíduos incompreendidos", reforçando imagens homogêneas que não contemplam a diversidade e a complexidade do espectro. Nesse cenário, tanto pessoas autistas quanto seus familiares participam ativamente do debate sobre quais narrativas devem ser promovidas, reivindicando maior autenticidade, diversidade e protagonismo autista nas construções simbólicas que circulam na sociedade.

As representações de pessoas autistas em mídias, muitas vezes controversas para uma parcela da comunidade, se mostra cada vez mais necessária para identificação e estudo do espectro por especialistas ou entusiastas. Saber como essas apresentações são feitas em filmes, séries, livros, jogos ou outras mídias é um processo essencial para compreender o autismo enquanto transtorno ou diferença, além de auxiliar no melhor entendimento da pluralidade do espectro. Tais movimentos serão explorados mais profundamente no decorrer da pesquisa.

3 CONSTRUINDO UM FANDOM

Este capítulo propõe uma análise das dinâmicas presentes em fandoms, buscando compreender de que maneira esses grupos se relacionam com a obra midiática que elegem como centro de interesse. Serão discutidas as origens históricas e culturais desses coletivos, com ênfase no fandom da série *Doctor Who*, destacando suas formas de engajamento e produção interpretativa.

O fenômeno dos *headcanons*, ou seja, teorias criadas por fãs para complementar ou reinterpretar aspectos da narrativa, será explorado, com foco nos modos como esses enredos paralelos revelam vínculos afetivos, identitários e criativos. Por fim, serão examinadas as representações midiáticas de pessoas autistas nesses espaços, com destaque para a leitura do personagem Doutor como autista, a partir de teorias que enfatizam características alinhadas ao espectro.

Dentro de grupos e comunidades, especialmente nas redes sociais, estão os chamados *fandoms*, termo em inglês que combina as palavras *fanatic* (fanático) e *kingdom* (reino), representando a união de fãs em torno de uma obra cultural para discutir, teorizar ou simplesmente compartilhar o apreço por uma narrativa fictícia (Sanseverino, 2016 apud Beneti, 2021). Todavia, o conceito de *fandom* vai além do ambiente virtual: é uma manifestação cultural mais ampla, que envolve práticas coletivas e individuais de engajamento afetivo, criativo e até político com mídias diversas, como séries, filmes, livros e jogos. Segundo Jenkins (1992), fãs participam ativamente da cultura midiática ao produzir significados próprios, reinterpretar personagens e criar conteúdos que desafiam muitas vezes os discursos oficiais das obras.

De acordo com Duffet (2013), o termo “fã” tem origem na Inglaterra do século XVII, onde era utilizado como uma forma abreviada da palavra *fanatic*. Todavia, o significado mais próximo do uso contemporâneo surgiu apenas no século XIX, quando jornalistas norte-americanos passaram a empregar o termo para descrever a devoção intensa de torcedores de beisebol. Com o tempo, essa ideia de entusiasmo foi sendo ampliada, sendo utilizada também para caracterizar o engajamento de públicos em torno de manifestações culturais como filmes, músicas e, mais recentemente, séries de televisão.

Como elenca Jenkins (1992), o conceito de *fandom* enquanto prática social estruturada começou a tomar forma no início do século XX, especialmente com as primeiras comunidades de fãs de ficção científica, como as que se reuniam em torno da revista *Amazing Stories*. Esses grupos não apenas consumiam as obras, mas também produziam conteúdos próprios, como fanzines e debates, estabelecendo as bases do que hoje compreendemos como cultura participativa.

Embora a definição do que constitui um “fã” já seja amplamente debatida, determinar o que é um *fandom* de forma precisa permanece um tema complexo e multifacetado em pesquisas. Para Duffett (2013), autor focado nos estudos de fãs, os

fandoms representam uma forma coletiva de criatividade, onde os participantes contribuem com diferentes camadas de engajamento, seja por meio da criação de narrativas alternativas, de obras derivadas ou da reelaboração simbólica dos personagens.

No entanto, limitar as distinções entre fandoms apenas ao tipo de mídia de origem (como séries versus jogos) reduz a riqueza do fenômeno. Cada fandom se organiza em torno de dinâmicas próprias, que envolvem normas de participação, formas de apropriação cultural e níveis variados de investimento emocional e interpretativo. Hills (2002) argumenta que fandoms devem ser entendidos como “campos de possibilidade simbólica”, nos quais os fãs não apenas consomem, mas reconstróem e negociam significados em uma rede de trocas que pode ser, ao mesmo tempo, colaborativa, conflituosa e profundamente subjetiva.

Fãs realizam uma ampla gama de atividades dentro dos fandoms, que vão muito além da experiência de entrar em contato com as obras originais. Entre essas ações, destacam-se a escrita de narrativas alternativas, conhecidas como *fanfictions*, a criação de *fanarts*, produção de vídeos, podcasts, memes, e também encontros presenciais, como convenções, lançamentos coletivos e eventos de cosplay. Essas manifestações não apenas consolidam a relação afetiva com a obra, mas também reforçam o senso de pertencimento e identidade compartilhada entre os participantes.

Ainda de acordo com Jenkins (1992), os fandoms funcionam como espaços de cultura participativa, onde fãs se apropriam criativamente do conteúdo midiático para produzir novas significações, muitas vezes desafiando os discursos canônicos das obras. Ademais, como elenca Duffet (2013), a participação em um fandom pode assumir diferentes intensidades e formas de envolvimento, indo do engajamento casual até a construção de comunidades altamente organizadas, com regras próprias, líderes informais e modos específicos de interação.

Na atualidade, fandoms existem como um aglomerado de poder, trazendo múltiplos intertextos, paratextos e comunidades de interpretação. Estes grupos alteram extremamente o paradigma de leitura de mídia e os parâmetros da cultura pop. (Manning, 2015, p.156, tradução do autor)

A cultura dos *fandoms* na mídia surgiu durante os anos 1970, com os fãs do seriado *Star Trek*, que naquele tempo já escreviam *fanfictions* em fanzines (Vargas, 2011). Todavia, o movimento ganha mais força com a internet e as redes sociais, que possibilitaram novos tipos de interação entre fãs (Koziel, 2015).

Com o avanço das tecnologias digitais, os *fandoms* se tornaram mais do que espaços de circulação de conteúdos derivados; passaram a funcionar como comunidades afetivas e simbólicas, nas quais os vínculos emocionais com as obras e entre os próprios membros ganham destaque. A participação em um grupo assim não é apenas uma prática cultural, mas também uma forma de experiência subjetiva e identitária.

Como observa Baym (2000), os fãs constroem redes de apoio, amizade e reconhecimento mútuo que extrapolam a obra original, transformando o ato de “ser fã” em um componente importante da vida cotidiana. Nesses espaços, o engajamento com narrativas e personagens permite elaborações emocionais profundas, funcionando tanto como válvula de escape quanto como mecanismo de construção de pertencimento.

Neste sentido, assistir a um filme ou série, ler um livro ou HQ e até mesmo jogar um *videogame* deixa de ser uma experiência individual quando se está imerso em um *fandom*. A construção de sentido em torno do texto é singular de cada leitor de certa mídia, e quando esta perspectiva é compartilhada em uma comunidade virtual, permite-se criar percepções coletivas.

Se inicialmente a prática de leitura era coletiva, em voz alta, depois se tornou um ato individual, silencioso, agora se pode dizer que é uma prática em que os leitores, principalmente os jovens, sentem a necessidade de compartilhar, de conversar sobre o texto lido e encontram, geralmente nas comunidades virtuais de fãs, o espaço propício para manifestar suas ideias. (Koziel, 2015, p.29)

As ações dos fãs possibilitam a eles reimaginar múltiplos aspectos de histórias apreciadas por eles. Isso possibilita para o internauta que integra os *fandoms* constituir uma identidade própria e receber aceitação em um grupo com interesses comuns (Koziel, 2015).

Outra forma de atuação do fandom é a reconfiguração das narrativas midiáticas por meio de produções próprias e interpretações colaborativas, muitas vezes tão influentes que chegam a ser consideradas pelos próprios produtores das obras originais. Nessa dinâmica, o material de base se adapta aos desejos, expectativas e experiências dos fãs, abrindo espaço para novos caminhos narrativos, frequentemente não previstos pelos autores.

Koziel (2015) aponta que os fandoms funcionam como ambientes férteis de resposta criativa, nos quais os leitores extrapolam sua posição de receptores e tornam-se coautores dos sentidos da obra. Isso se manifesta, por exemplo, na crítica

aberta a adaptações insatisfatórias, na produção de materiais que expandem o universo ficcional e na formulação de leituras afetivas compartilhadas, que podem até influenciar mudanças em edições futuras da obra.

Nos debates nas plataformas virtuais de fãs percebe-se que os jovens se envolvem de uma forma profunda com a obra a ponto de pesquisarem em outras fontes conteúdos relacionados ao texto “canônico” por eles admirado. Isso faz com que o fã tenha uma experiência de leitura com textos de formatos diversificados, inclusive com outros textos literários, o que contribui para agregar saberes e formar um repertório que será importante para o crescimento do indivíduo enquanto leitor. (Koziel, 2015, p.31)

Outro exemplo de apropriações de fãs em relação a uma obra ficcional é o conceito de *headcanon*. O termo refere-se a interpretações ou teorias elaboradas por fãs que, embora não oficiais, passam a ser internalizadas como parte significativa da narrativa original. Essas construções não se baseiam apenas em desejos pessoais, mas também em lacunas e ambiguidades deixadas pelas próprias obras, permitindo que o fã preencha ou expanda sentidos conforme sua vivência e visão de mundo.

Os *headcanons* emergem como “exercícios afetivos de reinterpretção”, muitas vezes utilizados para promover representações identitárias mais inclusivas, como personagens lidos como LGBTQIA+, autistas ou pertencentes a minorias raciais. Como argumenta Davenport (2019), em espaços como a rede social Tumblr, local onde se discute bastante *headcanons* ligados à sexualidade de personagens ou neurodivergências, existem negociações em torno das próprias identidades dos membros daqueles *fandoms*, instigando discussões mais profundas em torno da existência de pessoas em locais vistos como minoritários. Essas articulações também são realizadas nos *headcanons* autistas ou neurodivergentes, possibilitando novas formas de interpretação dentro e fora do fandom.

A existência do movimento dos *headcanons* parte diretamente das apropriações feitas por fãs de uma obra fictícia. Seja para identificação com traços de personagens, seja para compreender a amplitude social da mídia, o exercício de teorizar, no sentido de buscar compreender personagens e partes de uma obra ficcional de uma forma “não oficial”, permite trazer novos sentidos narrativos àquela obra (Beneti, 2021).

A relevância do *headcanon* caí justamente no fato de que aquela teoria é “real” apenas na criação mental do fã e nisso ela se basta. A intenção é justamente ir além do canônico da obra e abordar outras interpretações. Quando uma dessas teorias é

confirmada, ela deixa de ser um *headcanon* e passa a ser canônica no universo da obra (Beneti, 2021).

Os *headcanons* que posicionam personagens como autistas partem de uma leitura sensível a comportamentos, padrões de linguagem, formas de interação social e modos singulares de perceber o mundo, muitas vezes apresentados de forma não oficial nas narrativas ficcionais. Essas teorias ganham força não apenas como interpretações criativas, mas como formas de reconhecimento subjetivo e afirmação identitária dentro das comunidades de fãs.

Segundo Murray (2008), leitores autistas frequentemente identificam nos personagens traços que refletem suas próprias experiências, ainda que esses aspectos não sejam explicitamente tratados como autismo no texto original. É o caso de personagens como Sheldon Cooper, da série *The Big Bang Theory*, ou Sherlock Holmes, da série de livros escrita por Sir Arthur Doyle, ambos amplamente discutidos por fãs como autistas devido à literalidade no uso da linguagem, dificuldades de socialização e interesses específicos intensos, características que ressoam com muitos no espectro. Desta forma, os *headcanons* autistas funcionam como ferramentas de resistência simbólica e inclusão, permitindo aos fãs moldar narrativas nas quais possam se ver representados de forma autêntica e não estigmatizada.

Comunidades online passaram a construir leituras alternativas que reconhecem traços autistas em personagens não oficialmente diagnosticados, criando *headcanons* baseados na identificação pessoal e nos padrões comportamentais percebidos. O blog “All your faves are autistic” (Seus personagens favoritos são autistas, em tradução livre) exemplifica esse movimento ao reunir personagens de diversas mídias e franquias, considerados por fãs como representações autistas, ainda que não reconhecidas oficialmente por autores das obras (Beneti, 2021).

De acordo com Murray (2008), tais práticas demonstram como leitores e espectadores autistas mobilizam suas próprias experiências para reinterpretar narrativas, transformando o consumo cultural em um espaço de afirmação subjetiva e visibilidade simbólica. Ao fazer isso, os *headcanons* autistas se tornam ferramentas poderosas de pertencimento e resistência, ampliando a diversidade de representações dentro dos fandoms.

Uma das mídias com intenso movimento de teorização e fandom ativo é o seriado britânico *Doctor Who*. Criado em 1963, o programa é reconhecido como o

mais longo da história da ficção científica televisiva, com episódios ainda sendo lançados até a data de redação desta pesquisa (Yodovich, 2023; Hills, 2008). A narrativa gira em torno do Doutor, um alienígena da raça dos Senhores do Tempo, originário do planeta fictício Gallifrey. Em um ponto de sua vida, o Doutor escapa de seu planeta natal a bordo de uma máquina que viaja no tempo e no espaço, apelidada por ele de TARDIS. Desde então, ele passa a explorar o cosmos e as linhas do tempo em busca de aventuras, geralmente acompanhado por um(a) companheiro(a), figura recorrente na série conhecida como *companion* (Booth; Hills, 2023). As doze primeiras temporadas da série podem ser assistidas na plataforma de streaming +SBT gratuitamente. A décima quarta e décima quinta temporadas podem ser assistidas na plataforma de streaming *Disney Plus*.

A chave para a durabilidade de *Doctor Who* está na regeneração, conceito apresentado quando o primeiro intérprete do Doutor, William Hartnell, precisou se afastar da produção por problemas de saúde. Nisso, foi criada a noção de que toda vez que um Senhor do Tempo sofre um ferimento fatal, seu corpo regenera todas as células, mudando a aparência e personalidade do protagonista completamente, mas mantendo as memórias de aventuras passadas. A longevidade da série e a constante renovação de seu protagonista por meio da regeneração contribuíram para a formação de uma comunidade de fãs envolvida não apenas com o conteúdo, mas também com a produção de teorias, debates e materiais derivados (Hills, 2017; Richards, 2013).

O fandom de *Doctor Who* é parte integral do desenvolvimento e da longevidade da série. Considerado um dos programas mais emblemáticos da televisão britânica, *Doctor Who* tornou-se uma peça central da cultura popular do Reino Unido, sendo tradicionalmente visto como uma atração familiar transmitida pela BBC (Włodarczyk, 2012; Hills, 2014). Desde sua estreia em 1963, a série acumulou mais de 40 temporadas, dividida em duas fases principais: a série “clássica”, exibida entre 1963 e 1989, e a “nova série”, iniciada em 2005 e ainda em exibição no momento de escrita nesta pesquisa, atualmente com novos episódios sendo lançados pela plataforma *Disney Plus*.

O relacionamento entre *Doctor Who* e seu *fandom* transcende o consumo passivo da obra. A comunidade de fãs atua ativamente na preservação e reinvenção do universo ficcional, principalmente por meio de interações com a mídia, direta ou indiretamente, ou por campanhas para o retorno de personagens e formatos clássicos

(Farley, 2017). Essa interação gerou uma forma de “co-autoria” cultural, na qual os fãs exercem influência significativa na forma como a série é percebida, produzida e lembrada. Além disso, estudos apontam que essa base engajada contribui para a perpetuação do legado da série, funcionando como agentes culturais que mantêm viva a memória afetiva e histórica de *Doctor Who* (Hills, 2023). Assim, o *fandom* não apenas sustenta a popularidade da série, mas se constitui como um dos pilares que justificam sua durabilidade e impacto intergeracional.

A relação entre *Doctor Who* e o autismo ganhou destaque nas últimas décadas não apenas por conta de representações implícitas na série, mas principalmente pelas ressignificações criadas pelos próprios fãs, especialmente pessoas neurodivergentes, por meio de práticas como headcanons e discussões em fóruns online. Conforme observado por Manning (2015), a série se tornou um ponto de ancoragem para interpretações pessoais de identidade, fornecendo um espaço simbólico em que fãs autistas negociam sentidos, constroem vínculos e projetam suas próprias experiências cognitivas. Os headcanons permitem que os fãs atribuam ao Doutor características compatíveis com o TEA, como padrões de comunicação atípicos, hiperfoco e dificuldade com convenções sociais.

A identificação de fãs autistas com *Doctor Who* não é um fenômeno isolado, mas parte de uma afinidade mais profunda entre a estrutura narrativa da série e as experiências sensoriais e cognitivas de indivíduos neurodivergentes. Conforme descrito por Manning (2015), muitos jovens no espectro demonstram um fascínio intenso pela série, memorizando com precisão detalhes sobre episódios, personagens e enredos.

Essa ligação emocional vai além do entretenimento: representa um espaço simbólico de pertencimento e reconhecimento. A própria estrutura mutável do Doutor, um personagem que se regenera, muda de aparência, mas mantém memórias e experiências coerentes e conectadas a suas aventuras anteriores, funciona como uma metáfora poderosa para a fluidez identitária dentro da neurodiversidade, permitindo que fãs autistas se vejam refletidos em um herói que, apesar de suas excentricidades, é central à narrativa, admirado e valorizado.

Ademais, há uma crescente interpretação dentro da comunidade de fãs e acadêmicos que sugere que o próprio personagem do Doutor exhibe comportamentos compatíveis com o espectro autista. Discussões em fóruns como Gallifrey Base e

WrongPlanet.net destacam traços como evasão de contato visual, respostas literais, dificuldade em interpretar normas sociais e obsessões específicas, elementos que, embora não sejam diagnósticos, remetem a características comuns de pessoas autistas (Manning, 2015).

Embora o status alienígena do Doutor costume ser usado para relativizar essas interpretações, muitos fãs autistas relatam que sua identificação com o personagem se dá exatamente por essas diferenças. A regeneração, por exemplo, tem sido comparada à forma como interesses intensos e mudanças de foco ocorrem em indivíduos com TEA. Manning (2015) observa que essa leitura não implica patologização, mas sim empoderamento simbólico, pois oferece à comunidade autista uma figura midiática que valida suas experiências. Como aponta Hacking (2009), a associação entre autismo e figuras “alienígenas” é recorrente e, quando abordada criticamente, pode abrir espaço para novas formas de inclusão cultural.

É possível observar como as concepções desenvolvidas por fãs se entrelaçam com mídias e narrativas não oficiais, frequentemente configuradas por teorizações afetivas e especulativas. Essas práticas ampliam debates sobre inclusão, identificação e pertencimento, ao desafiar fronteiras fixas entre texto e audiência, especialmente em obras de caráter serial e aberto, como Doctor Who. No contexto de headcanons e interpretações colaborativas, os fãs atuam como agentes criativos, propondo novas formas de ler os personagens e os universos ficcionais em que estão inseridos.

Quando se relaciona esse movimento com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é notável a maneira como comunidades de fãs reconfiguram a representação do espectro a partir de suas próprias experiências e leituras. A construção de headcanons que identificam o personagem do Doutor como alguém dentro do espectro, por exemplo, transcende os limites da representação tradicional da mídia e propõe novas formas de visibilidade simbólica. Tais processos colaborativos, em que o cânone é negociado de forma crítica e afetiva, contribuem para ampliar as noções culturais sobre o autismo, distanciando-se de visões patologizantes e abrindo espaço para interpretações mais inclusivas, humanas e plurais.

A série Doctor Who, com sua longa trajetória de transformações narrativas e estéticas, oferece terreno fértil para esse tipo de prática interpretativa. Segundo as discussões de autores como Hills (2008, 2023) e Manning (2015), o relacionamento entre Doctor Who e seu *fandom* é historicamente marcado pela coautoria e pela

participação ativa dos espectadores na construção de sentidos. Os fãs não apenas consomem, mas também interpretam, recriam e disputam significados, fenômeno intensificado nos espaços online e nas práticas de *fandom* contemporâneas.

4 EXAMINANDO O DOUTOR

Durante a extensão deste capítulo, serão analisadas as argumentações de fãs e entusiastas da série Doctor Who em relação ao *headcanon* em torno das características autísticas do Doutor, protagonista do show televisivo. Por intermédio desta análise, busca-se observar as nuances das percepções dos usuários de fóruns no Reddit sobre os possíveis traços autistas apresentados pelo Doutor enquanto personagem que possui múltiplas encarnações. Além disso, o exercício analítico busca também demonstrar o fenômeno dos *headcanons* e sua complexidade, além de trabalhar conceitos teóricos como os de Manning (2015), que dialoga diretamente com noções deste trabalho, utilizando de análise em fóruns sobre pontos semelhantes em relação ao Doutor para apontar noções de *fandom* e *headcanon*. Como explicitado em capítulos anteriores, o personagem possui diversas encarnações, as regenerações, que servem como troca de autor (a) no papel principal. No decorrer da análise, certas encarnações serão mencionadas mais frequentemente, e devido a esse fator, essas regenerações serão explicadas com maior detalhamento. Tal exercício de amplificar a discussão em torno de certas encarnações visa trabalhar as nuances do Doutor de forma mais direta, com base nas citações de usuários dos fóruns.

O site escolhido para as análises foi o Reddit. Definido como uma plataforma de mídia social e também um tipo de fórum online considerado mais acessível que outros fóruns como o site 4chan, além de ser mais centrado na experiência do usuário (Laut-Beger, 2024), o portal agrupa conteúdos e discussões de diversos temas na forma dos “subreddits”, comunidades dedicadas exclusivamente a certos assuntos, como mídias, tópicos e até mesmo teorizações. Outros fóruns mais específicos de Doctor Who, como o GallifreyBase, foram considerados para a análise, mas a preferência no Reddit persistiu devido a amplitude de tópicos presentes no portal, o que amplifica a discussão. Ao realizar uma análise por meio de buscas pelas palavras “autism” e “doctor who” em alguns subreddits focados tanto na série quanto em debates sobre o TEA, além de pesquisar em páginas dedicadas a *headcanons*, foi possível notar a predominância de discussões sobre o tema da pesquisa no subreddit *r/doctorwho*¹, com foco em temas voltados ao seriado.

¹ Disponível no link: <https://www.reddit.com/r/doctorwho/>. Acesso em 23 abr. 2025.

Outras páginas com discussões sobre o tema, mesmo que breves, foram os subreddits *r/FanTheories*², focado em teorias de fãs sobre diversas mídias, o fórum *r/aspiememes*, com foco em memes para pessoas autistas e neurodivergentes. Além deles, o subreddit *r/AutisticWithADHD*³ também traz discussões sobre certas encarnações do Doutor e neurodivergência. No total, seis debates foram elencados nos fóruns supracitados, sendo três deles presentes no fórum *r/doctorwho*.

Embora subreddits brasileiros sejam presentes no site, a maioria das discussões da pesquisa, senão todas, estão presentes em fóruns estrangeiros. Todas as seis discussões elencadas para a pesquisa estão escritas na língua inglesa. Traduções das falas serão feitas pelo autor e por ferramentas como o Google Tradutor. Outros critérios de exclusão envolveram postagens que citavam o autismo enquanto traço do Doutor, mas não aprofundavam ou deixavam a discussão de lado. Além disso, outras postagens com outras neurodivergências, como TDAH ou dislexia, mencionadas em outros posts sem a presença do tópico “autismo”, também foram desconsideradas na análise por não englobarem o TEA.

3.1 Posts no subreddit “r/doctorwho”

Primeiramente, será feita a análise das postagens presentes no subreddit “r/doctorwho”, focado apenas em discussões sobre a série e mídias relacionadas, como aventuras em quadrinhos, áudio ou livros. Tal divisão foi escolhida para dar mais profundidade ao conteúdo presente nos posts dedicados a falar especificamente sobre Doctor Who, que englobam características particulares do show televisivo e traz elementos mais específicos em relação à trama e elementos do seriado.

O primeiro debate analisado é intitulado pelo usuário que o postou como “Do you think that 11 is borderline autistic, or am I the only one?” (em tradução livre, “Vocês também interpretam o 11º Doutor como autista e borderline, ou sou só eu?”)⁴. Já no título da postagem, o usuário identificado apenas pelo nome “Hermione_Granger_o7” apresenta duas hipóteses de “diagnóstico”, embora a discussão se aprofunde além do simples ato de enquadrar essa encarnação do Doutor em simples definições

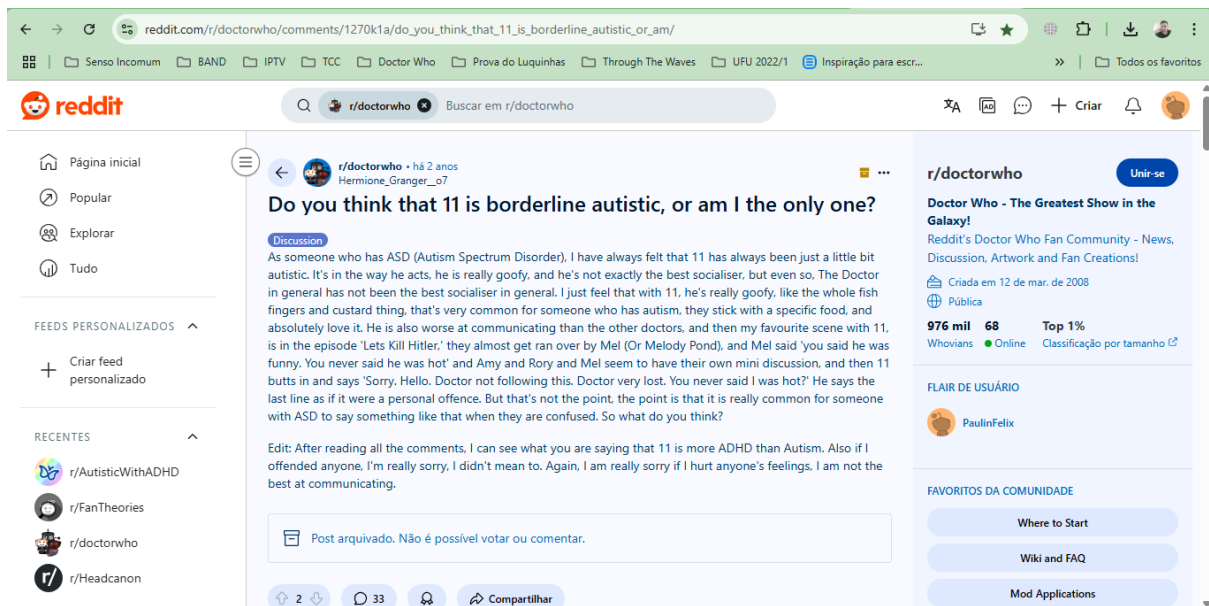
² Disponível no link: <https://www.reddit.com/r/FanTheories/>. Acesso em 23 abr. 2025.

³ Disponível no link: <https://www.reddit.com/r/AutisticWithADHD/>. Acesso em 23 abr. 2025.

⁴ Disponível no link: https://www.reddit.com/r/doctorwho/comments/1270k1a/do_you_think_that_11_is_borderline_autistic_or_am/. Acesso em 23 abr. 2025.

diagnósticas: autismo e transtorno de personalidade borderline, como presente na interface da Figura 1.

Figura 1: Interface do Reddit na postagem “Do you think that 11 is borderline autistic, or am I the only one?”



Fonte: Captura de tela do autor do site

https://www.reddit.com/r/doctorwho/comments/1270k1a/do_you_think_that_11_is_borderline_autistic_or_am/. Acesso em 23 abr. 2021

O Décimo Primeiro Doutor, interpretado pelo ator Matt Smith entre os anos de 2010 a 2013, é uma encarnação recorrente em teorias relacionadas a características autísticas do personagem. Nesta discussão, no entanto, o autor da postagem traz vivências próprias relacionadas ao espectro para fundamentar a teoria. O argumento inicial da postagem diz:

Como alguém que tem TEA (Transtorno do Espectro Autista), sempre senti que o 11º Doutor tem um quê de autista. Isso aparece no jeito como ele age; ele é muito excêntrico, meio pateta; e claramente não é dos melhores em interações sociais. Mas, pensando bem, todas as encarnações do Doutor nunca foram exatamente um exemplo de sociabilidade. Ainda assim, acho que o 11 é particularmente peculiar. Um exemplo claro é a cena dos peixes empanados com creme, isso é algo muito comum em pessoas com autismo: escolher um alimento específico e se apegar totalmente a ele. Além disso, ele parece ter ainda mais dificuldade para se comunicar do que outras versões do personagem. Uma das minhas cenas preferidas do 11º Doutor é no episódio *Let's Kill Hitler*. Eles quase são atropelados pela Mel (ou melhor, a Melody Pond), e ela diz: “você disse que ele era engraçado, mas nunca disse que ele era bonito”. Amy, Rory e Mel meio que continuam conversando entre si, e o Doutor, totalmente perdido, interrompe e fala: “Desculpa. Olá. O

Doutor não está acompanhando. O Doutor está muito confuso. Você nunca disse que eu era bonito?”. Ele fala essa última parte como se tivesse se ofendido. Mas o ponto não é esse. A questão é que esse tipo de reação é muito comum em pessoas com TEA quando ficam confusas em situações sociais. Então, o que vocês acham?. (subreddit r/doctorwho, 2023, tradução nossa)⁵

Os principais elementos abordados no início da discussão são traços do 11º Doutor, com algumas referências a episódios da quinta e sexta temporadas do seriado. A primeira referência é vista no primeiro episódio da quinta temporada, “The Eleventh Hour” (A Décima Primeira Hora, em tradução livre). Após pousar com a TARDIS, a máquina do tempo-espaço usada pelo personagem, no quintal de uma criança, o Doutor, com fome, experimenta alimentos presentes na casa da garota. Após provar uma maçã e não gostar do sabor, ele faz uma mistura inusitada: come tiras de peixe empanado com creme de leite.

A atitude do 11º Doutor ao demonstrar forte preferência por peixe empanado com creme é interpretada pelo usuário autor da postagem como um traço característico de pessoas dentro do espectro autista. Segundo ele, o comportamento revela um apego específico a um tipo de alimento, o que pode ser compreendido como uma manifestação de seletividade alimentar, fenômeno comum em indivíduos com TEA. Essa seletividade está geralmente relacionada a aspectos sensoriais, como textura, cor, cheiro e até mesmo temperatura dos alimentos, e pode funcionar como uma estratégia de autorregulação diante de estímulos sensoriais percebidos como excessivos ou desconfortáveis (Silva et al., 2021; Souza; Oliveira, 2022).

Assim, ao comparar o comportamento do personagem com experiências pessoais e relatos da comunidade autista, o autor do post atribui ao Doutor uma dimensão de familiaridade que extrapola a narrativa oficial da série. Traços do transtorno de personalidade borderline, caracterizado por alterações de humor e “explosões” de emoções como raiva e tristeza, também são apontados nessa encarnação. Outro episódio citado é o oitavo da sexta temporada, “Let’s Kill Hitler” (Vamos Matar Hitler, em tradução literal). No início da narrativa, o Doutor e seus companheiros de viagem, Amy Pond e Rory Williams, são surpreendidos pela chegada repentina de Mels, amiga de infância de Amy. Em tom de brincadeira, Mels comenta que Amy havia dito que o Doutor era engraçado, mas nunca mencionara que

ele era bonito. Enquanto Amy, Rory e Mels conversam entre si, o Doutor permanece desconectado da troca de falas, visivelmente confuso diante da informalidade e das entrelinhas do diálogo. Ao final da cena, ele interrompe a conversa para questionar, com um tom de ofensa velada, porque Amy nunca havia dito que ele era atraente.

O comentário, considerado deslocado pelos demais personagens, é interpretado pelo autor do post como reflexo de uma dificuldade do Doutor em decodificar normas sociais implícitas, uma característica frequentemente associada a pessoas autistas. De fato, tal comportamento encontra respaldo em artigos sobre o TEA, que aponta que indivíduos autistas podem apresentar desafios para interpretar ironias, jogos de linguagem e subentendidos em contextos sociais (Manning, 2015).

Após a provocação inicial do autor da postagem, diversos usuários passam a discutir os pontos levantados, oferecendo interpretações alternativas sobre o comportamento do Doutor. Entre as contribuições, alguns destacam que traços autistas seriam mais evidentes em outras versões do personagem, especialmente no Décimo Segundo Doutor. Um usuário comenta: “Eu acho que o 11º Doutor tá mais pra TDAH. O 12º parece mais autista pra mim” (r/doctorwho, 2023, tradução nossa). A partir dessa distinção, abre-se um debate sobre os diferentes modos de expressão neurodivergente ao longo das encarnações do personagem.

Outro participante reforça esse ponto ao lembrar que Matt Smith, intérprete do 11º Doutor, já mencionou a possibilidade de apresentar sintomas semelhantes com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uma condição frequentemente associada ao espectro autista como comorbidade, caracterizada por impulsividade, hiperatividade e dificuldades na retenção de atenção pela pessoa, e que também integra o campo da neurodiversidade. Essa observação acrescenta uma camada interessante à discussão, ao sugerir que parte da identificação com o personagem pode vir tanto de elementos do roteiro quanto de características trazidas pelos próprios atores à performance.

Entre as respostas geradas pela postagem original, um dos usuários apresenta uma contraposição direta à leitura do 11º Doutor como um personagem com traços autistas.

Entendo que você tem autismo e, por isso, tem mais vivência e percepção sobre o assunto do que eu (meu irmão, inclusive, é autista não verbal), mas isso me parece mais um comportamento típico de teorias da internet”, afirma. Segundo ele, o 11º Doutor não demonstra comportamentos que, de fato, codifiquem o autismo, sendo sua excentricidade melhor compreendida como

parte de uma atuação estilizada e propositalmente caricata. “Como você mesmo disse, ele é só engraçado ou pateta. É um comportamento performático, uma encenação excêntrica, e não algo com profundidade simbólica. Ele entende bem as pessoas ao redor — resolve o casamento de Amy e Rory com uma única frase, por exemplo.” (r/doctorwho, 2023, tradução nossa)

Essa perspectiva aponta para um esforço de manter a separação entre representações neurodivergentes reais e elementos ficcionais de estranhamento, evitando a associação direta entre esquisitice e autismo.

Contudo, outros usuários discordam dessa interpretação, oferecendo contrapontos significativos. Um deles observa que o comportamento do Doutor agir de forma desajeitada, ter hábitos alimentares incomuns e não compreender situações sociais se aproxima de uma paródia popularizada de traços autistas. “O Doutor se comportar como um pateta, comer coisas excêntricas e não saber se comportar quando está confuso parece exatamente como uma espécie de paródia de comportamentos autistas pra mim”, comenta (r/doctorwho, 2023, tradução nossa).

A discussão se aprofunda com outro participante argumentando que protagonistas alienígenas, como o Doutor, muitas vezes são intencionalmente construídos com traços que remetem à neurodivergência — ainda que isso ocorra de maneira implícita ou simbólica. Em sua visão, isso pode ocorrer não apenas como paródia, mas também como forma de projeção criativa dos próprios roteiristas, atores ou produtores, que canalizam experiências pessoais de se sentirem “fora do lugar” ou desconectados do mundo ao seu redor. “Já ouvi muitos autistas dizendo que, quando crianças e ainda não diagnosticados, acreditavam de verdade que eram alienígenas enviados em uma missão ou algo parecido”, relata (r/doctorwho, 2023, tradução nossa). Esse comentário expande a leitura do Doutor como figura de identificação para pessoas neurodivergentes, reforçando a ideia de que sua alienidade serve não apenas para marcar a diferença em relação à humanidade, mas também como metáfora para vivências de exclusão social e deslocamento sensorial típicas do espectro autista.

Outros comentários seguem uma linha semelhante de crítica à ideia de que o Doutor, enquanto personagem alienígena, possa ser rotulado como autista. Um dos usuários expressa com clareza essa dificuldade:

Tenho muita resistência em classificar alienígenas fictícios como autistas. Sim, por muito tempo o Spock foi praticamente a única representação que tivemos, mas isso não significa que não possamos buscar alternativas

melhores hoje em dia. Toda a construção dos Senhores do Tempo gira em torno do fato de que eles não são humanos. Então não faz sentido presumir que um cérebro neurotípico humano funcione da mesma forma que o de um Senhor do Tempo. Seria muito mais interessante, por exemplo, ver companions humanos neurodivergentes viajando na TARDIS. (r/doctorwho, 2023, tradução nossa)

Partindo dessa observação, nota-se que o debate sobre a codificação autista do Doutor está longe de ser consensual, mesmo entre fãs engajados com a série e com discussões sobre neurodiversidade. De um lado, há quem veja o personagem como uma metáfora para experiências autistas; de outro, há quem questione o valor ou a precisão dessa analogia, argumentando que ela pode obscurecer representações humanas mais diretas e conscientes. Como já foi apresentado por Manning (2015), a figura do Doutor permite múltiplas leituras justamente por ser híbrida, simultaneamente humana e alienígena, racional e excêntrica, acessível e enigmática, o que contribui para sua apropriação por diferentes públicos e/ou de diferentes maneiras.

Outros posts trazem mais visões sobre o 11º Doutor, assim como outras encarnações do personagem. Em um deles, intitulado “Which Doctors are the most neurodivergent” (Quais Doutores vocês acham mais neurodivergentes, em tradução livre). Um dos comentários dessa postagem apontam a Décima Terceira Doutora, interpretada pela atriz Jodie Whittaker, a primeira encarnação feminina do personagem, como uma das mais identificáveis enquanto autista/neurodivergente. Um dos usuários comenta:

Pois é. Eu realmente não entendo as críticas em relação à forma como ela lidou com a situação do Graham sobre o câncer. Estava claro que ela simplesmente não tinha condições emocionais de processar aquilo de forma “normal”. Pra mim, ficou evidente que o que ela estava tentando dizer era algo como: Isso é algo que eu não consigo lidar, então vou enfrentar da única maneira possível pra mim: baixando um pouco as minhas defesas, o suficiente pra você perceber que eu gostaria de saber como reagir, mas não consigo. (r/doctorwho, 2023, tradução nossa)⁶

Esse comentário traz a situação do *companion* Graham, presente nas aventuras da Doutora durante a 11ª e 12ª temporadas. Na décima segunda temporada, ele revela um diagnóstico de câncer antigo para ela, com medo do tumor retornar com o tempo.

Ela admite claramente não saber o que dizer ou como lidar com a situação; comportamento dito por alguns fãs como algum tipo de traço autista. Nas reverberações desse comentário, outros usuários apontam discordâncias sobre a opinião levantada.

Eles literalmente trabalharam com grupos de apoio e ativismo pra escrever essa cena, e esses grupos aprovaram o que viram. Mas os usuários do Reddit acham que sabem mais do que todo mundo. Na minha opinião, dizer algo como “às vezes a gente simplesmente não tem as palavras certas” é uma mensagem muito importante. (r/doctorwho, 2022, tradução nossa)

As opiniões desse usuário são complementadas em outros comentários, adicionando mais camadas à discussão: “Concordo totalmente. Eu me identifiquei muito com a 13ª Doutora. Sou do tipo de pessoa que nunca sabe o que dizer quando algo terrível acontece. Eu até poderia falar “sinto muito”, mas parece vazio, meio bobo, como se não tivesse nenhum impacto real diante do que a pessoa está sentindo. Somando isso à neurodivergência da Doutora, fez total sentido pra mim. Foi algo que me soou muito verdadeiro” (r/doctorwho, 2022, tradução nossa). Esse comentário une as duas opiniões, demonstrando como ambas podem coexistir sem soarem desrespeitosas ou escrachadas. É possível interpretar a 13ª Doutora enquanto autista ou neurodivergente e entender a cena dela com Graham de forma coerente.

Em outra postagem, um usuário elenca possíveis traços do Doutor enquanto uma alegoria para pessoas autistas, mesmo que não intencional. Intitulado “Do any other autistic fans see the Doctor as an unintentional autism allegory?” (“Será que outros fãs autistas também enxergam o Doutor com uma alegoria autista não intencional?”, em tradução livre). No corpo da postagem, o autor explica:

Sempre me identifiquei com o personagem do Doutor, mas queria saber como outras pessoas enxergam isso também. É claro que o Doutor não foi criado como uma representação intencional do autismo, mas todas as encarnações dele têm traços que, de certa forma, me lembram... de mim mesmo. Todos são idiossincráticos, seguem um código moral bem rígido, têm dificuldades em se relacionar tanto com humanos quanto com outros Senhores do Tempo, e cada um tem seus próprios jeitos e manias. Eles são alienígenas, sim, mas até entre os próprios alienígenas da espécie deles, são considerados “estranhos”. Acho que todos têm características parecidas, que aparecem de formas diferentes em cada versão do personagem, mas na maioria das vezes eu consigo me identificar bastante com eles. E o que eu mais gosto é que *Doctor Who* nunca tentou forçar uma alegoria sobre autismo — o que, na minha opinião, é algo muito difícil de fazer sem cair em estereótipos. Claro, nem todo mundo vai enxergar o personagem assim, mas essa é a minha visão. (r/doctorwho, 2024, tradução nossa)

Nos comentários, outros membros do subreddit elencam encarnações do Doutor que apresentam características neurodivergentes e/ou autísticas. Um usuário diz que o 10º e 11º Doutor são os mais identificáveis enquanto autistas, e que a décima encarnação o lembra de comportamentos da namorada, também autista. Nas respostas desse comentário, outro membro diz:

O 11º e o 12º são meus Doutores favoritos, e quanto mais penso nisso, mais percebo que é porque são os dois com quem mais me identifico. Tem algo na forma como o [Steven] Moffat escreve o Doutor, não só os dele, mas até o 9º e o 10º que realmente aborda traços autistas. É por isso que eu me conecto tanto com os roteiros dele e com a maneira que ele enxerga esses personagens. (r/doctorwho, 2024, tradução nossa)

A menção à Steven Moffat, *showrunner* (ou seja, diretor-geral do seriado) entre 2010 e 2017, assim como principal escritor da décima primeira e décima segunda encarnações do Doutor, explicita as noções que certos fãs têm dos produtores da série, como pessoas conscientes das escolhas e representações feitas no personagem do Doutor e em outros presentes na série. Em outros comentários, outras pessoas neurodivergentes abordam traços autistas e de TDAH presente no Doutor.

Como alguém que também tem TDAH, o Décimo Doutor é o que mais me representa, de verdade, eu tenho vários dos trejeitos e traços de personalidade dele. Ao mesmo tempo, também me identifico bastante com o comportamento mais alienígena excêntrico das outras encarnações do Doutor. Isso faz parte do que me atrai tanto em *Doctor Who*. Representatividade sempre importa, mesmo quando não é intencional. (r/doctorwho, 2024, tradução nossa)

É possível perceber no comentário desse usuário a amplitude do debate sobre headcanons. Ao dizer que “representatividade sempre importa”, ele aborda que mesmo que os criadores de uma mídia não percebam ou não tornem canônico a neurodivergência ou aspectos de outras minorias presentes em um personagem, a simples existência desses traços e a identificação de um ou vários fãs com essas manifestações tornam aquela obra mais rica e de certa forma mais popular entre fãs daquela minoria ou de pessoas com familiares enquadrados nesses casos. Ressaltar a relevância de representações, embora não intencionais, também traz nuances potentes para aquele trabalho.

No decorrer da discussão, outros usuários do subreddit fazem diversos apontamentos em torno da relação Doutor e autismo/neurodivergência. Embora algumas delas não falem explicitamente de autismo, a discussão ainda aborda

questões de neurodiversidade. “Quando você nota os paralelos entre o Doutor e traços comuns de autismo/neurodivergência, é impossível ignorá-los” (r/doctorwho, 2024, tradução nossa), aponta outro membro. Um segundo usuário traz mais percepções:

Eu sinto que a maioria dos personagens alienígenas colocados em cenários com humanos acabam funcionando como boas alegorias do autismo. Costuma-se dizer que ser autista é como ser um alienígena vindo de outro planeta. Claro que essa é uma descrição simplificada, até porque o autismo abrange uma gama enorme de experiências, mas não está totalmente errada. E pode ser que isso funcione também no sentido inverso. Por mais criativa que seja a ficção, no fim das contas a gente acaba projetando tipos de pessoas reais nos personagens de outros mundos. Às vezes, isso significa que uma raça inteira em uma história acaba se parecendo com um grupo étnico específico, de forma intencional ou não. Bom, o alienígena excêntrico foi provavelmente escrito com base em um monte de pessoas excêntricas do mundo real, algumas das quais, talvez, fossem ou não autistas. Então não é nenhuma surpresa que tantos fãs se sintam representados. (r/doctorwho, 2024, tradução nossa)

Esses apontamentos complementam as discussões anteriores, abordando as noções abrangentes do *headcanon* autista em torno de *Doctor Who*. Mesmo com discordâncias, também vistas como visões válidas, muitos fãs trazem as teorias e percepções do Doutor enquanto um personagem autista enquanto marca de representação, apesar de não intencional, de uma parcela do *fandom*. “O Doutor definitivamente se parece com uma pessoa neurodivergente. Acho que em uma das aventuras em áudio da série ele até diz algo como: “Já me chamaram de muitas coisas. Neurotípico nunca foi uma delas” (r/doctorwho, 2024, tradução nossa). Apesar de não sabermos a veracidade da citação trazida por esse fã, podemos considerar o argumento e a visão dele como válidas para a teorização, tanto por acrescentar camadas na discussão, quanto por abordar um possível lado “canônico” na visão neurodivergente do Doutor.

Um dos comentários finais do post oferece uma leitura que reforça e aprofunda as teorias discutidas anteriormente:

Sinceramente, eu enxergo o Doutor como uma alegoria intencional do autismo. Especialmente em *Doctor Who* na era moderna, quando já havia muito mais informação disponível sobre os traços do espectro, acho difícil acreditar que ninguém envolvido na produção da série tenha notado que estavam criando um personagem com uma codificação tão evidente. Parece improvável que, por mero acaso, ele se encaixe em praticamente todos os critérios diagnósticos. Ainda mais considerando que a fase moderna é produzida em um período de ampla visibilidade do autismo, fica difícil imaginar que esses traços tenham surgido sem intenção. (r/doctorwho, 2024, tradução nossa)

Como aponta Manning (2015), a abertura simbólica do personagem e a ambiguidade da sua construção permitem que o público neurodivergente se identifique com ele de maneira legítima, mesmo sem validação textual direta. Essa leitura participativa, alimentada por headcanons, vai além da teoria: ela transforma a percepção geral do fandom sobre quem o Doutor é, reposicionando-o como símbolo de diferença, adaptação e reconhecimento identitário.

3.2 Posts nos subreddits “r/aspiememes”, “r/AutisticWithADHD” e “r/FanTheories”

Outros subreddits também reúnem discussões sobre a relação entre o autismo e *Doctor Who*. É o caso de comunidades como r/aspiememes, voltada para a produção de memes que retratam a vivência autista; r/AutisticWithADHD, centrada nas experiências de pessoas com TEA e TDAH; e r/FanTheories, dedicada a teorias e especulações criadas por fãs sobre obras ficcionais. Cada uma dessas comunidades contém postagens que abordam diretamente a temática desta pesquisa. Seja por meio de conteúdos humorísticos, reflexões pessoais ou análises complementares, incluindo links para vídeos do YouTube, os materiais publicados ampliam as possibilidades de leitura sobre o *headcanon* autista do Doutor.

No post presente no subreddit r/aspiememes, o usuário identificado como Ok_Artest anexa uma imagem humorística ao post do fórum (como visto na Figura 2). O texto do meme, espalhado em várias fontes na vertical da parte visual, diz: “It’s my autism and I get to choose the relatable character (11th Doctor is totally neurodivergent)” (O autismo é meu e eu escolho o personagem que eu quiser pra me identificar (O 11º Doutor é com certeza neurodivergente), em tradução livre)⁷.

Figura 2: Meme compartilhado na comunidade r/aspiememes



Nos comentários das postagens analisadas, diversos usuários abordam com leveza e humor a relação entre todas as encarnações do Doutor e a neurodivergência, especialmente o autismo e o TDAH. Um dos participantes sugere que praticamente todos os Doutores depois da oitava regeneração apresentam traços neurodivergentes, mencionando, por exemplo, que o 10º Doutor exibe comportamentos que poderiam ser associados ao TDAH. É relevante observar que o Oitavo Doutor foi o último pertencente à chamada era clássica da série, encerrada em 1996, cuja estética, narrativa e abordagem de personagens diferem significativamente da era moderna, iniciada em 2005. Essa separação entre fases de *Doctor Who* não é apenas cronológica, mas também cultural, refletindo transformações sociais e científicas, como o avanço das discussões públicas e diagnósticos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) no início do século XXI.

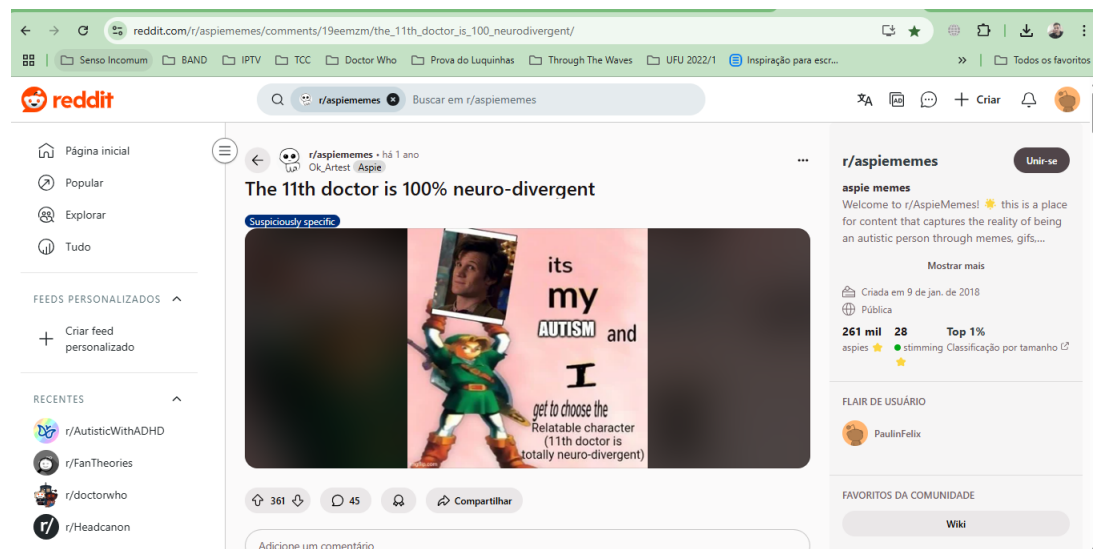
Tendo longevidade de mais de 60 anos, é esperado que mudanças culturais aconteçam no decorrer da exibição dos episódios. Noções predominantes na década de 1960 não são mais bem vistas atualmente, como percepções racistas ou machistas. Novos episódios da série, como foi o caso do episódio Lux, da décima quinta temporada, abordam temas antes sensíveis para o público, como a segregação racial nos Estados Unidos dos anos 50. Em entrevista para o portal Radio Times, o ator Ncuti Gatwa, primeiro homem negro a interpretar o Doutor, disse que retratar essas problemáticas na série atual é “um reflexo da sociedade que vivemos ainda hoje”⁸

Com base nisso, é compreensível que traços típicos de personagens neurodivergentes sejam mais facilmente identificados nas encarnações contemporâneas do Doutor. Ainda que fãs mais atentos reconheçam elementos não convencionais também nas versões clássicas do personagem, é nas regenerações recentes, com roteiros mais complexos e performances mais políticas e sociais, que essas leituras ganham força. A observação dos usuários do subreddit revela como o público se apropria de personagens para construir identificações pessoais e coletivas, mesmo quando essas características não foram originalmente concebidas com esse intuito. Essa prática é amplamente analisada por Manning (2015), que discute como

⁸Entrevista disponível no link: <https://www.radiotimes.com/tv/sci-fi/doctor-who-lux-racism-newsupdate/>. Acesso em 23 abr. 2025.

fãs autistas constroem sentidos de pertencimento por meio de leituras que reconhecem no Doutor traços que refletem suas próprias vivências. Na figura 3, é possível visualizar a interface do subreddit r/aspiememes.

Figura 3: Interface do post “The 11th doctor is 100% neuro-divergent”, presente no subreddit r/aspiememes



Fonte: Captura de tela do autor do site

https://www.reddit.com/r/aspiememes/comments/19eemzm/the_11th_doctor_is_100_neurodivergent/.

Acesso em 23 abr. 2025.

Em outra postagem, desta vez no subreddit r/AutisticWithADHD, um membro da comunidade compartilha suas percepções sobre o Décimo Doutor, interpretado pelo ator David Tennant de 2005 até 2010. Considerado uma das encarnações mais populares da série moderna por fãs, o personagem é parte ativa das teorizações envolvendo headcanons autistas.

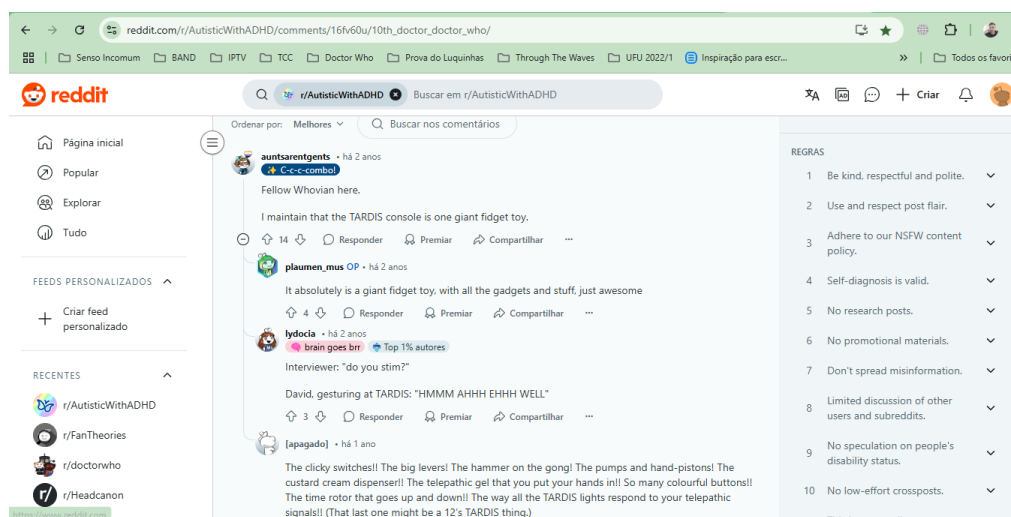
Ultimamente fiquei completamente obcecado pelo 10º Doutor de *Doctor Who*, interpretado pelo David Tennant. Aí eu vi um vídeo no *YouTube* falando sobre como ele seria neurodivergente, mostrando todos os “sintomas”, e eu fiquei tão empolgado porque me identifiquei muito com ele! O vídeo é ótimo, super bem pesquisado. Só queria compartilhar isso porque fiquei realmente feliz assistindo, achei incrível essa análise sobre o Doutor e... sei lá, só queria contar pra alguém mesmo. (r/AutisticWithADHD, 2023, tradução nossa)⁹

⁹Disponível

https://www.reddit.com/r/AutisticWithADHD/comments/16fv60u/10th_doctor_doctor_who/. Acesso em 21 abr. 2025.

Nos comentários analisados na postagem, demonstrados na interface presente na Figura 4, alguns membros do subreddit relacionam comportamentos do 10º Doutor com características frequentemente presentes em pessoas autistas. Um dos usuários afirma: “Acho que a TARDIS é praticamente um brinquedo de conforto gigante para o Doutor.”(r/AutisticWithADHD, 2023, tradução nossa). A comparação se torna particularmente significativa quando interpretada à luz do conceito de *fidget toys*, objetos utilizados por indivíduos neurodivergentes como ferramentas de autorregulação emocional e sensorial. Segundo Braz (2023), esses brinquedos, também chamados de *stim toys*, vêm sendo amplamente empregados por terapeutas ocupacionais por sua capacidade de promover equilíbrio sensorial, especialmente em crianças autistas que apresentam dificuldades com processamento de estímulos. Sua eficácia reside justamente no caráter lúdico, acessível e pessoalizado da interação, permitindo que o indivíduo utilize o objeto como um ponto de ancoragem em momentos de sobrecarga emocional ou social.

Figura 4: Interface dos comentários presentes no post “10th doctor, doctor who”, postado no subreddit r/AutisticWithADHD



Fonte: Captura de tela do autor do site

https://www.reddit.com/r/AutisticWithADHD/comments/16fv60u/10th_doctor_doctor_who/. Acesso em 23 abr. 2025.

Ao atribuir essa função à TARDIS, a icônica máquina do tempo do Doutor, os fãs estabelecem uma leitura simbólica em que os inúmeros botões, alavancas e mecanismos da cabine não são apenas elementos técnicos da navegação temporal, mas extensões do universo sensorial do personagem. Para além de ser o veículo de

suas aventuras, a TARDIS se torna, nessa leitura, uma ferramenta de estabilização afetiva e um espaço seguro que favorece a organização interna do Doutor em meio ao caos. Essa perspectiva, além de enriquecer o *headcanon* autista construído pelo *fandom*, revela uma camada emocional e sensorial no vínculo entre o personagem e sua nave, que funciona como uma extensão de si mesmo, um mediador entre ele e um mundo frequentemente percebido como intenso ou imprevisível.

Ainda na mesma postagem, um dos usuários traz reflexões sobre a condição alienígena do Doutor e suas implicações na discussão sobre neurodiversidade. Ele comenta:

Quero dizer, pensando em neurodiversidade, o Doutor é um alienígena, então a neurologia dele é totalmente diferente da de um humano. Mas, olha... ainda assim, tecnicamente, isso é ser neurodivergente. Fico me perguntando sobre o próprio David Tennant, na real. Ele já comentou que *Doctor Who* era uma obsessão de infância pra ele, e que usava um cachecol que a avó dele tricou pra fingir que era o Quarto Doutor o tempo todo. Mas vai saber, né?.

(r/AutisticWithADHD, 2023, tradução nossa)

A fala do usuário revela uma tensão entre o reconhecimento da alteridade radical do personagem, um ser de outra espécie, com estrutura cognitiva distinta, e, ao mesmo tempo, a tentativa de traduzi-lo por meio de categorias humanas, como a neurodivergência.

Essa ambivalência se estende à menção ao ator David Tennant, intérprete do 10º Doutor. O comentário sugere que sua performance pode ter sido atravessada por elementos pessoais, o que alimentaria as leituras afetivas feitas por fãs. Embora o ator não tenha discutido abertamente questões de diagnóstico em termos de TDAH ou TEA, esse vínculo intenso com o universo da série, somado à expressividade inquieta de sua atuação, tem levado fãs neurodivergentes a se verem refletidos no modo como o Doutor se comunica, se move e se relaciona com o mundo. Esse tipo de identificação amplia o espaço interpretativo da série e reforça o papel do *fandom* como agente ativo na ressignificação de personagens.

Dando continuidade à discussão, um usuário do subreddit amplia os apontamentos anteriores ao trazer como referência um vídeo do YouTube intitulado “*Autism and the Twelfth Doctor*” (Autismo e o Décimo Segundo Doutor, em tradução livre). Ao comentar o conteúdo do vídeo e suas próprias percepções, ele afirma:

Eu já assisti a alguns vídeos sobre o 10º e o 12º Doutor sendo neurodivergentes e, sinceramente, concordo 100%. Afinal, o Doutor é um alienígena, e muita gente neurodivergente costuma dizer que se sente como

se fosse de outro planeta, então faz todo sentido. E dá até pra dizer que a chave de fenda sônica dele funciona como um *fidget toy*! (r/AutisticWithADHD, 2023, tradução nossa)

Nesse comentário, o autor articula dois elementos centrais da leitura afetiva do personagem: a alteridade do Doutor enquanto entidade não-humana e a metáfora recorrente entre pessoas autistas de se perceberem como “alienígenas” em um mundo que opera sob regras neurotípicas.

A partir desse imaginário, o comentário reforça como essas metáforas de deslocamento e diferença são mobilizadas para consolidar *headcanons* autistas em torno do personagem. Ao incorporar tais elementos em sua leitura pessoal, o usuário contribui para um processo coletivo de identificação em que características narrativas e visuais da série são ressignificadas como manifestações de traços neurodivergentes. Nesse contexto, a metáfora da alienidade deixa de ser apenas um componente da ficção científica e se transforma em uma linguagem comum para expressar experiências reais de exclusão, sensibilidade ampliada e busca por pertencimento.

Outra discussão, dessa vez feita no subreddit r/FanTheories, voltado justamente a teorização de fãs em mídias ficcionais, é intitulado “Is the Doctor supposed to be viewed as autistic?” (O Doutor pode ser visto como um suposto personagem autista?, em tradução livre). No tópico central elencado na postagem, o usuário traz o seguinte questionamento:

Acabei de assistir ao primeiro episódio da primeira temporada de *Doctor Who*, da versão de 2005, e pra mim ficou meio óbvio que ele é autista. Será que eu tô viajando? É só coincidência? Ou será que foi intencional por parte dos diretores?. (r/FanTheories, 2014, tradução nossa)¹⁰

Entre os comentários da postagem, o debate é ampliado com perspectivas divergentes. Um dos usuários observa:

Pra ser sincero, sempre reparei que o Doutor tem uns momentos meio antissociais, mas nunca associei isso ao autismo. Pra mim, parece mais que ele passou por muita coisa pesada, e isso afetou o psicológico dele, deixando mais difícil se relacionar com os outros (r/FanTheories, 2014, tradução nossa).

A fala sugere que certos comportamentos socialmente atípicos do personagem seriam consequência de traumas acumulados ao longo de suas regenerações, uma leitura mais próxima de abordagens psicológicas do que neurodivergentes. No entanto, em resposta a essa interpretação, outro participante questiona o viés comumente presente nesses discursos:

Sério, vocês precisam parar de enxergar pessoas autistas sempre por uma lente de pena. Sim, a gente vive com uma deficiência, mas isso não significa que não temos qualidades incríveis. Posso dizer com toda certeza que, pra mim, o Doutor pode ser sim visto como autista, por causa da hipersensibilidade a certos sentimentos e percepções, e também pelo jeito como ele age e se relaciona. É bem triste que algumas pessoas vejam isso como alguém querendo provocar fãs de Doctor Who, quando, na verdade, pode ser só uma pessoa autista se enxergando no personagem. (r/FanTheories, 2023, tradução nossa)

A contraposição evidencia um ponto central na análise das leituras neurodivergentes do Doutor: o reconhecimento identitário mobilizado por fãs autistas vai além de teorias especulativas. Como aponta Manning (2015), essas interpretações devem ser entendidas como formas legítimas de significação afetiva, nas quais personagens da cultura pop operam como espelhos simbólicos para vivências reais. Nesse sentido, o que para uns pode soar como exagero ou mera projeção, para outros representa um processo profundo de identificação. Quando uma criança neurodivergente enxerga no Doutor gestos, reações ou formas de comunicação semelhantes às suas, esse reconhecimento não apenas transforma sua relação com a série, mas também pode influenciar a recepção mais ampla do personagem, tanto por parte de roteiristas quanto da comunidade de fãs.

Nos desdobramentos do mesmo comentário, outros membros do subreddit passaram a compartilhar diferentes leituras sobre as vivências autistas e os traços atípicos do Doutor. Um dos usuários comentou: “Obrigado. Eu sei que ele é um alienígena, mas ainda assim achei que transtornos mentais ou emocionais poderiam afetá-lo” (r/FanTheories, 2014, tradução nossa). Em resposta, outro membro acrescentou: “Além disso, ele é um alienígena com o peso de dois genocídios nas costas. Ele não se identifica o suficiente com os humanos para lidar com nossa cultura e nossos traumas” (r/FanTheories, 2014, tradução nossa).

Anos depois, um terceiro participante do fórum divergiu da argumentação anterior ao afirmar: “Ser autista não é algo cultural” (r/FanTheories, 2024, tradução nossa).

A resposta, apesar de breve, mobiliza uma discussão relevante: embora o autismo seja atravessado por fatores culturais e sociais, ele não pode ser reduzido a uma construção cultural. Essa visão reforça que a experiência autista envolve uma forma particular de cognição e percepção que, apesar de ser mediada pelo meio, não é inteiramente moldada por ele. Como aponta Bagatell (2007), pessoas autistas negociam constantemente sua identidade entre o que é biologicamente constituído e o que é socialmente atribuído, o que torna imprecisa qualquer tentativa de separar o “ser” autista do “viver” em sociedade. Dessa forma, o comentário destaca uma perspectiva mais integradora, que reconhece as noções e atravessamentos do contexto cultural nessa situação sem apagar a singularidade neurológica da condição autista.

A partir da análise das postagens em subreddits, em diálogo com os conceitos desenvolvidos ao longo desta pesquisa, torna-se evidente a existência de disputas interpretativas em torno da possibilidade de o Doutor ser compreendido como uma figura autista. No entanto, mais relevante do que buscar uma definição fechada sobre a natureza do personagem é reconhecer a riqueza das múltiplas leituras que emergem em um universo ficcional com mais de seis décadas de existência. A tentativa de “diagnosticar” o Doutor como autista ou neurotípico não elimina, e nem deve eliminar, as variadas formas de identificação construídas pelos fãs diante de seus comportamentos considerados “atípicos”. Pelo contrário, essa pluralidade de interpretações revela um aspecto fundamental da cultura, particularmente no interior dos fandoms: a capacidade de gerar sentidos afetivos, políticos e simbólicos a partir da relação íntima entre personagem e público. Assim, reconhecer os traços autistas no Doutor não implica rotulá-lo, mas sim permitir que fãs neurodivergentes encontrem nele um reflexo significativo de suas próprias experiências. Esses jogos de identidade e teorização, quando acolhido pelo coletivo, fortalece o espaço do fandom como território de pertencimento e expressão legítima da diversidade humana.

É importante enfatizar que esta pesquisa não se propõe a oferecer respostas definitivas aos questionamentos levantados ao longo do trabalho. Pelo contrário, seu objetivo central é fomentar novos olhares e ampliar o campo de debate sobre autismo, headcanons, inclusão e representação em contextos midiáticos e culturais. A proposta não reside em validar ou refutar categoricamente se o Doutor é autista, mas em valorizar o processo interpretativo que emerge das comunidades de fãs. A força dessas teorizações não está na sua precisão diagnóstica, mas na possibilidade de

reconhecer subjetividades que raramente encontram espaço nas narrativas canônicas. O simples ato de atribuir traços neurodivergentes a um personagem como o Doutor amplia os horizontes de identificação, funcionando como um gesto simbólico de pertencimento e validação.

A partir das interações e debates observados nos fóruns do Reddit, tornou-se evidente a coexistência, e, algumas vezes, a tensão, entre diferentes compreensões sobre o TEA. Algumas leituras são ancoradas em um paradigma clínico, no qual o diagnóstico é entendido como um conjunto de critérios objetivos, enquanto outras se aproximam do modelo da neurodiversidade, que compreende o autismo como uma forma legítima de variação neurológica. Essa tensão aparece, por exemplo, em comentários que destacam a origem alienígena do Doutor para argumentar que ele estaria fora dos padrões humanos de funcionamento mental.

Em contraponto, há quem defenda que, justamente por meio dessa alteridade radical, o personagem simboliza experiências de marginalidade, deslocamento e não conformidade, aspectos comuns à vivência de pessoas autistas. Como discutido ao longo da pesquisa, o valor dessas interpretações está menos em sua correspondência com a verdade do enredo e mais em sua potência para construir sentidos afetivos e identitários dentro dos fandoms.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar um personagem com a relevância cultural do Doutor expressando comportamentos considerados “atípicos” abre espaço para uma compreensão mais empática e ampla das experiências vividas por pessoas no espectro autista. Essa identificação simbólica permite aos fãs neurodivergentes reconhecer traços de si mesmos em narrativas que, tradicionalmente, os excluem ou os estereotipam. Nesse contexto, a perspectiva da neurodiversidade aparece com frequência nos fóruns analisados, evidenciando uma valorização das diferenças cognitivas como parte da diversidade humana.

Apesar de críticas vindas de setores alinhados ao modelo biomédico, que alegam muitas vezes a diluição diagnóstica ou a idealização do espectro, o paradigma da neurodiversidade amplia o debate ao reafirmar a existência de múltiplas formas de ser e experienciar o mundo. Trabalhar com essa concepção implica, inevitavelmente, revisitar os limites do diagnóstico formal e considerar as diversas manifestações da neurodivergência, incluindo transtornos correlatos, como TDAH, dislexia e síndromes sensoriais. Ao fazer isso, reforça-se a ideia de que o espectro não é um bloco homogêneo, mas um campo dinâmico de subjetividades diversas.

O processo de identificação com determinadas características de um personagem, muitas vezes motor da criação de *headcanons*, também se revelou como um elemento central nesta pesquisa. Diversos participantes dos fóruns analisados recorreram a experiências pessoais com o espectro autista para construir argumentos que interpretavam o Doutor como um personagem neurodivergente. Esse exercício de leitura não apenas amplia os limites da representação, mas também transforma a identificação em uma prática ativa e política. Em vez de apenas reconhecer traços em comum, os fãs autistas ou neurodivergentes projetam vivências e subjetividades nas narrativas ficcionais, promovendo uma reconfiguração simbólica dos personagens.

Como discutido nos capítulos teóricos, a identificação não deve ser entendida como mera recepção, mas como um processo criativo que permite aos sujeitos ressignificar textos midiáticos a partir de suas próprias realidades. Ao enxergarem nas atitudes “neuroatípicas” do Doutor como reflexos de suas próprias formas de ser,

esses fãs não apenas se sentem representados, como também atuam como agentes na construção de novas compreensões dentro do fandom. Essa dinâmica contribui para a sensibilização de outros membros, sejam neurotípicos ou também neurodivergentes, ampliando o repertório coletivo sobre o que significa estar no espectro e promovendo espaços de escuta, acolhimento e validação identitária.

Além disso, explorar as teorias construídas por fãs contribui não apenas para ampliar a representatividade em torno de personagens como o Doutor, mas também para o fortalecimento de vínculos identitários dentro da comunidade de fãs. Essa prática influencia tanto a consolidação do *fandom* enquanto espaço coletivo quanto o reconhecimento individual de pessoas autistas e/ou neurodivergentes que se veem refletidas em traços do personagem. A identificação com o Doutor atua como um ponto de encontro simbólico, onde experiências pessoais encontram validação e pertencimento. Essa conexão fortalece o envolvimento emocional com a série e contribui para a construção de identidades singulares e, ao mesmo tempo, compartilhadas.

Ademais, os relatos produzidos por esses fãs têm o potencial de inspirar outros, seja encorajando uma busca por diagnóstico, seja promovendo maior empatia e entendimento por parte de familiares, amigos ou membros do próprio *fandom*. Assim, o compartilhamento dessas leituras vai além do entretenimento, tornando-se ferramenta de conscientização, apoio mútuo e visibilidade neurodivergente.

Outros pontos importantes discutidos ao longo desta pesquisa dizem respeito à natureza da apropriação conceitual promovida pelos fãs por meio dos *headcanons*. Essa prática, longe de ser apenas uma atividade lúdica, revela uma potência interpretativa capaz de expandir o significado original de narrativas e personagens. A ressignificação de elementos de uma obra, seja ao atribuir características de minorias identitárias ou ao reinterpretar eventos sob novas lentes, transforma a experiência de fruição midiática em um exercício criativo e crítico.

Nesse contexto, os *headcanons* funcionam como ferramentas para contestar leituras normativas e propor outras possibilidades de existência e representação dentro da ficção. Muitos fãs se engajam nessa prática como forma de reapropriação simbólica, resgatando personagens ou tramas que antes eram considerados distantes ou inadequados para suas realidades, e oferecendo novos caminhos para identificação, pertencimento e reflexão coletiva.

O potencial transformador dos *headcanons* ultrapassa o universo das interpretações autistas ou neurodivergentes. Outros grupos historicamente visto como marginalizados, como pessoas LGBTQIA+, mulheres, pessoas racializadas e outras pessoas com deficiência, também utilizam essas teorias para reconstruir significados e propor representações mais plurais e inclusivas. Ao revisitar obras que contêm elementos problemáticos ou lacunas de representatividade, esses fãs mobilizam o afeto e a crítica como formas de resistência simbólica, transformando a cultura do entretenimento em espaço de disputa e reinvenção. Os *headcanons* se consolidam como um recurso valioso para ampliar as fronteiras interpretativas e, ao mesmo tempo, democratizar o acesso à construção de sentido em torno da cultura pop.

Para além do exercício dos *headcanons*, os fandoms se configuram como espaços de relevância tanto social quanto acadêmica, especialmente no campo dos estudos sobre cultura pop e recepção midiática. Compartilhar experiências, teorias e impressões sobre determinada obra vai além do mero entretenimento, trata-se de um exercício coletivo de construção de sentido, no qual os significados atribuídos à narrativa são constantemente revisitados e transformados. Com o tempo, esse processo dá origem a novas leituras e interpretações, que ampliam e, muitas vezes, reformulam as discussões originalmente propostas pela obra. Nesse contexto, o próprio conceito de *fandom*, palavra derivada da ideia de um “reino” de fãs, passa a designar não apenas um grupo de admiradores, mas uma comunidade ativa, que participa da produção simbólica da obra e atravessa inclusive como ela é percebida individualmente.

Complementando essa dinâmica está o caráter criativo das práticas de reimaginação promovidas por fãs. Por meio de fanfictions, fanarts, teorias compartilhadas em fóruns e redes sociais, os fãs constroem versões alternativas de personagens, universos e narrativas que compõem o imaginário coletivo em torno de uma obra. Como evidenciado na análise realizada nesta monografia, essas releituras, ainda que não oficiais, muitas vezes ganham legitimidade dentro da própria comunidade, tornando-se parte relevante da experiência cultural associada à obra original. Mesmo sem chancela canônica, essas produções se entrelaçam com a narrativa oficial, ressignificando eventos e personagens de maneira que influencia tanto novos públicos quanto os próprios produtores de conteúdo. Os fãs já não são meros consumidores, mas produtores ativos de cultura, e seus esforços criativos

ampliam os limites da ficção tradicional, abrindo espaço para formas mais diversas, críticas e afetivas de interação com as mídias.

No caso específico de *Doctor Who*, uma das particularidades mais marcantes da série é a regeneração do protagonista, que permite múltiplas encarnações do mesmo personagem ao longo do tempo. Cada regeneração funciona como uma nova abertura narrativa e simbólica, oferecendo aos fãs a possibilidade de enxergar o Doutor sob diferentes perspectivas e nuances. As especificidades de atuação dos intérpretes, seus gestos, tons de voz, modos de interagir com o mundo e com os outros personagens, fazem emergir traços que podem ser lidos como indícios de neurodivergência ou como representações que dialogam com outras formas de identidade marginalizada. Embora historicamente poucos atores vindos de minorias tenham interpretado o Doutor, o personagem em si carrega o potencial de ser um receptáculo simbólico de pluralidades. Enxergá-lo como uma figura em constante transformação, que atravessa diferentes experiências e subjetividades, é essencial para ampliar as discussões em torno do fenômeno da regeneração e sua potência como metáfora de fluidez identitária.

Durante o percurso metodológico, as dificuldades se condensaram principalmente na parte de encontrar postagens em subreddits sobre o tópico específico da pesquisa. Embora o material analisado tenha densidade o suficiente para gerar discussões variadas, foi possível perceber que o acréscimo de mais postagens talvez ajudaria a ampliar o debate. O motor de buscas dentro dos próprios subreddits, disponibilizado pela plataforma, retornou muitas vezes resultados que continham a palavra autismo na constituição de artigos, e que não tratavam especificamente do tema da pesquisa. No meio dessa curadoria, pode ser que alguns potenciais artigos interessantes para a pesquisa tenham se perdido, impossibilitando maior aprofundamento.

Ainda assim, o autor da pesquisa buscou nortear os debates e apropriações do conteúdo para contemplar todos, ou a maioria, dos desdobramentos trazidos por cada post. Apesar de reconhecer que sutilidades ou discussões não muito literais e implícitas podem ter se perdido, em parte devido a características do TEA presentes no próprio autor, com a dificuldade de notar detalhes implícitos em uma conversa ou discussões escritas ou faladas, em outra parte o próprio conteúdo das postagens, às vezes limitado a poucos comentários, dificultou a análise. Esse fator foi compensado também pelo detalhamento temático nas discussões.

Mesmo não sendo o primeiro trabalho com análise de fóruns virtuais em torno de traços autistas do Doutor, pode-se notar no percurso do trabalho o cuidado com o conteúdo encontrado, trazendo novas camadas para o debate não apenas na comunidade de Doctor Who, mas também nos estudos de fãs brasileiros, em alguma medida. Com isso em mente, alguns elementos do trabalho, como a estruturação teórica desenvolvida em algumas partes sem muito detalhamento, podem enfraquecer a riqueza de conteúdo presente nele, o que traz empecilhos, caso uma pessoa sem contato prévio com conceitos-chave da discussão, por exemplo, tente ler a parte teórica. Assim sendo, para melhorar o percurso de pesquisa, seria necessária melhor apreensão e explicação dos conceitos trabalhados.

Sendo esse um dos primeiros contatos do autor com o estudo de fãs, dá para considerar a pesquisa como um exercício de certa forma instigante. O autor se interessou por essa área e pretende seguir nesses estudos, possivelmente em uma pós-graduação. Existem múltiplos fandoms que renderiam análises ricas, como a comunidade da franquia de jogos *Five Nights at Freddy's*, que na visão do autor consegue não apenas se apropriar da obra, mas modificá-la quase completamente por meio das vivências em fandoms. Além disso, outras franquias como a série de jogos de ritmo *Just Dance* ou os musicais feitos pela companhia de teatro *Team Starkid* focados no universo de Hatchetfield também tem *fandom* ativo e são obras ainda em lançamento ou recentes. Explorar outras mídias é uma possibilidade, sendo por uma ótica mais focado em *fandoms* do que em possíveis representações de minorias. Outros tipos de mídia ainda não trabalhados pelo autor também pode ser usados.

A análise do conteúdo em si não é o único fator relevante nesta pesquisa. A plataforma onde essas interações ocorrem também atravessa diretamente como teorias são formuladas, compartilhadas e reformuladas dentro dos fandoms. Escolher o Reddit como objeto de investigação não se deu apenas por sua popularidade, mas pelo modo como sua estrutura descentralizada e temática favorece a diversidade de perspectivas. Cada *subreddit* representa uma microcomunidade com regras, dinâmicas e valores próprios, permitindo uma variedade de debates que vai desde o informal até o altamente especializado. Compreender as particularidades dessa organização, bem como os modos de engajamento dos usuários, foi essencial para realizar uma leitura mais profunda e situada das discussões em torno da

representação autista do Doutor. O Reddit não é apenas um espaço de postagem: ele é uma ferramenta viva de construção coletiva de significados.

Na visão do autor, a concepção oficial do Doutor enquanto personagem autista é a parte menos importante do debate. A discussão é enriquecida pelas múltiplas percepções, tanto a favor da teoria do personagem enquanto enquadrado no TEA ou não, justamente pelos atravessamentos teóricos trazidos por esses debates. Discussões essas que motivaram o autor a fazer essa pesquisa, além do apreço pela série. As percepções de fãs são um oceano a ser ainda mais navegado por futuras pesquisas das chamadas *fan studies*.

A dinamicidade da plataforma, onde interações podem ocorrer em tópicos ativos há mais de uma década, revela como as narrativas sobre personagens e interpretações ficcionais são constantemente revisitadas, ressignificadas e ampliadas ao longo do tempo. Essa temporalidade fluida, somada à multiplicidade de vozes que compõem o fórum, permite observar de forma única como teorias se desenvolvem e como o próprio conceito de identidade, seja autista, neurodivergente ou ligada a outras minorias, é negociado entre os participantes. Ao valorizar as diferentes contribuições, sem as hierarquizar, o trabalho buscou construir uma análise aberta, capaz de abarcar tanto o rigor teórico quanto a subjetividade afetiva que marca as interações nos fandoms. Buscando mais do que oferecer respostas fechadas, a pesquisa se propôs a ampliar o diálogo sobre representações, inclusão e leitura compartilhada, demonstrando que o olhar do fã é, também, um olhar crítico e sensível sobre o mundo e sobre si mesmo.

REFERÊNCIAS

ALAGHBAND-RAD, Javad; HAJIKARIM-HAMEDANI, Arman; MOTAMED, Mahtab. Camouflage and masking behavior in adult autism. **Frontiers in Psychiatry**, v. 14, p. 1108110, 2023. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2023.1108110/full>>. Acesso em: 22 abr. 2025. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1108110>

AMARAL, Adriana; BENETI, Mariana. Comunicação inclusiva na produção de “headcanons autistas” de personagens da cultura pop nos fandoms do Tumblr. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 14, pp. 209-235, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v14n.60604>.

ANAZ, Sílvia Antonio Luiz. Atributos de séries dramáticas de sucesso e engajamento da audiência. **Significação – Revista de Cultura Audiovisual**, v. 45, n. 50, p. 239–258. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6097/609765274012/>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2018.143013>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônica Aparecida Da; ZANON, Regina Basso. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de Inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e247367, 2023. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572023000100312&tlng=pt. Acesso em: 22 abr. 2025. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>

ASNIS, Valéria Peres; ARANTES, Ana; ELIAS, Nassim Chamel. Ensino de habilidades rítmicas para meninos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Educação Especial**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/34415>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.5902/1984686X34415>

BAYM, Nancy K. **Tune In, Log On: Soaps, Fandom, and Online Community**. 1a ed. [s.l.]: SAGE Publications, Inc, 1999. <https://doi.org/10.4135/9781452204710>

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. AUTISMO: HISTÓRIA DE UM QUADRO E O QUADRO DE UMA HISTÓRIA. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/45865>>. Acesso em: 25 abr. 2025. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.45865>

BENETI, Mariana Bento. **O outro lado do mesmo fandom: A representação da neurodiversidade no movimento “all your faves are autistic”**. Disponível em: https://semidiscomufrgs.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/07/ppgcom_-_anais_seminario_discente_2019_isbn.pdf#page=41. Acesso em: 07 out. 2024.

BOOTH, Paul; HILLS, Matt. **Adventures Across Space and Time: A Doctor Who Reader**. Editora Bloomsbury, 2023. <https://doi.org/10.5040/9781350288416>

BRAZ, Marcela Marcelino de Almeida Gomes. **Ergonomia afetiva e Design: o estudo de atributos formais e de acabamento em objetos no TEA**. 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/30811>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.5151/ergodesign2023-52>

BRITO, Camila Sousa da Silva. **Fandoms e a leitura: um estudo do comportamento de jovens leitores nas redes sociais**. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/36741/1/2023_CamilaSousaSilvaBrito_tcc.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **Mas você não tem cara de autista: relato autobiográfico, diagnóstico tardio e campo dêitico**. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/21515>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CHIN, Bertha; MORIMOTO, Lori. **Towards a Theory of Transcultural Fandom**. 2013. Disponível em: <https://works.hcommons.org/doi/10.17613/M6RP98>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CONSTANTINO, Natália de Mendonça. **Concepções sobre o autismo: do estigma da deficiência à neurodiversidade**. Monografia. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://epsjv.phlnet.com.br/beb/textocompleto/mfn21777.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

COOK, Julia; HULL, Laura; CRANE, Laura; et al. Camouflaging in autism: A systematic review. **Clinical Psychology Review**, v. 89, p. 102080, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2021.102080>

DAVENPORT, Alexandria Douglas. **“But they’re gay though”: how LGBTQ+ audiences are queering contemporary drama**. 2019. Disponível em: <https://era.ed.ac.uk/handle/1842/36048>. Acesso em: 24 abr. 2025.

DIAS, Adriana. **Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais... [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/391108527/Adriana-Dias-Capacitismo>. Acesso em: 22 maio 2024.

DIPAULO, Marc Edward. Political Satire and British-American Relations in Five Decades of Doctor Who: Political in Doctor Who. **The Journal of Popular Culture**, v. 43, n. 5, p. 964–987, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-5931.2010.00782.x>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5931.2010.00782.x>

DRAAISMA, Douwe. Stereotypes of Autism. **Philosophical Transactions: Biological Sciences**, v. 364, n. 1522, p. 1475–1480, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40485922>. Acesso em: 22 abr. 2025. <https://doi.org/10.1098/rstb.2008.0324>

DUFFETT, Mark. **Understanding Fandom: An Introduction To The Study Of Media Fan Culture**. London, England: Bloomsbury Academic, 2013. <https://doi.org/10.5040/9781501388354>

FARLEY, Shannon K. **Translation, Rewriting, and Fan Fiction: A Literary History of Transformative Work**. University of Massachusetts Amherst. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/entities/publication/8517cf47-2950-49d4-8a6b-11e3896d8bf3>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FÉLIX, Paulo Victor Sousa; MANNA, Nuno. **Narrativas de diagnóstico tardio e vivências autistas: um estudo de catástrofes cotidianas**. 2022. Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1132t-5l1MnlCe3dWoY-Jc9BAqmDxa2udVkbrvYsIZfU/edit?usp=sharing>. Acesso em 25 abr. 2025.

FERRARI, Ana Laura de Azevedo. **Comunicação e neurodiversidade: um estudo sobre a produção de conteúdo online por neurodivergentes**. Disponível em: https://static-casperlibero-edu-br.webpkgcache.com/doc/-/s/static.casperlibero.edu.br/uploads/2022/07/Artigo_Ana-Laura-Ferrari.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

GUNDERMAN, Hannah. **Popular Geopolitics, Empathy, and Cultural-Media Geographies in Doctor Who Fandom**. Doctoral Dissertations, 2018. Disponível em: https://trace.tennessee.edu/utk_graddiss/4994. Acesso em: 22 abr. 2025.

HACKING, Ian. Humans, Aliens & Autism. **Daedalus**, v. 138, n. 3, p. 44–59, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40543987>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.1162/daed.2009.138.3.44>

HILLS, Matt. From Dalek half balls to Daft Punk helmets: Mimetic fandom and the crafting of replicas. **Transformative Works and Cultures**, v. 16, 2014. Disponível em: <https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/531>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.3983/twc.2014.0531>

HILLS, Matt. ‘The one you watched when you were twelve’: Regenerations of Doctor Who and Enduring Fandom’s ‘Life-Transitional Objects’. **Journal of British Cinema and Television**, v. 14, n. 2, p. 213–230, 2017. Disponível em: <https://www.eupublishing.com/doi/10.3366/jbctv.2017.0364>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.3366/jbctv.2017.0364>

HILLS, Matt. The dispersible television text: theorising moments of the new Doctor Who. **Science Fiction Film & Television**, v. 1, n. 1, p. 25–44, 2008. Disponível em: <http://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/sfftv.1.1.4>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.3828/sfftv.1.1.4>

HILLS, Matt. **Triumph of a Time Lord: Regenerating Doctor Who in the Twenty-first Century**. London, England: I.B.Tauris, 2010. <https://doi.org/10.5040/9780755697595>

HILLS, Matthew. **Fan Cultures**. 1a ed. London: Routledge, 2002. <https://doi.org/10.4324/9780203361337>

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**. 2nd ed. New York: Routledge, 2012. <https://doi.org/10.4324/9780203114339>

KAPP, Steven K.; GILLESPIE-LYNCH, Kristen; SHERMAN, Lauren E.; et al. Deficit, difference, or both? Autism and neurodiversity. **Developmental Psychology**, v. 49, n. 1, p. 59–71, 2013. <https://doi.org/10.1037/a0028353>

KAPP, Steven K; STEWARD, Robyn; CRANE, Laura; et al. 'People should be allowed to do what they like': Autistic adults' views and experiences of stimming. **Autism**, v. 23, n. 7, p. 1782–1792, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1362361319829628>. Acesso em: 22 abr. 2025. <https://doi.org/10.1177/1362361319829628>

KOZIEL, E. **Práticas de leitura na cibercultura e a formação do leitor crítico: fandom e transmidialidade na série Percy Jackson e os olímpianos**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2015. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4279>. Acesso em: 07 out. 2024.

LAUT-BERGER, Christina. The Sharedness of Situational Definitions Online: Comparing the Alternative Platforms 4chan and Reddit. **DigitCult - Scientific Journal on Digital Cultures**, v. 9, n. 1, p. 45–62, 2024. Disponível em: <https://digitcult.lim.di.unimi.it/index.php/dc/article/view/265>. Acesso em: 23 abr. 2025.

LINS, Stephany. **Através do Tempo e Espaço: A Longevidade na Série Britânica Doctor Who**. Disponível em: https://www.academia.edu/37586798/Atrav%C3%AAs_do_Tempo_e_Espa%C3%A7o_A_Longevidade_na_S%C3%A9rie_Brit%C3%A2nica_Doctor_Who. Acesso em: 21 abr. 2025.

LOVAAS, O. Ivar. Behavioral treatment and normal educational and intellectual functioning in young autistic children. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 55, n. 1, p. 3–9, 1987. Disponível em:

<https://doi.apa.org/doi/10.1037/0022-006X.55.1.3>. Acesso em: 21 abr. 2025.
<https://doi.org/10.1037//0022-006X.55.1.3>

MANNING, Leslie. Negotiating Doctor Who: Neurodiversity and Fandom. In: THORSEN, Einar; SAVIGNY, Heather; ALEXANDER, Jenny; et al (Orgs.). **Media, Margins and Popular Culture**. London: Palgrave Macmillan UK, 2015, p. 153–165. Disponível em: https://doi.org/10.1057/9781137512819_11. Acesso em: 23 abr. 2025.
https://doi.org/10.1057/9781137512819_11

MULLIS, Christa. Reflection: autistic-coded characters and fans in fandom. **Canadian Journal of Disability Studies**, v. 8, n. 2, p. 147-156, 2019. <https://doi.org/10.15353/cjds.v8i2.495>

MURRAY, Stuart. **Representing Autism: Culture, Narrative, Fascination**. [s.l.]: Liverpool University Press, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt5vjmwk>. Acesso em: 21 abr. 2025.
<https://doi.org/10.5949/UPO9781846314667>

O'DELL, L. et al. Critical autism studies: exploring epistemic dialogues and intersections, challenging dominant understandings of autism. **Disability & Society**, v. 31, n. 2, p. 166–179, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2016.1164026?journalCode=cdso20>. Acesso em: 22 abr. 2025.

OLIVEIRA, Pâmela Lima de; SOUZA, Ana Paula Ramos de. Terapia com base em integração sensorial em um caso de Transtorno do Espectro Autista com seletividade alimentar. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, p. e2824, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/hZ4RyjSvfmXYFjGKPFqCrnb/>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctore21372824>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - 11ª revisão (CID-11)**. Genebra: OMS, [2018]. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/pt>. Acesso em: 22 abr. 2025.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 67–77, 2009. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100012&tlng=pt. Acesso em: 22 abr. 2025.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>

RICHARDS, Denzell. Old SF, New FX: Exploring the Reception of Replacement Special Effects for Older Episodes of Doctor Who and Star Trek. **Critical Studies in Television: The International Journal of Television Studies**, v. 8, n. 3, p. 47–64, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.7227/CST.8.3.5>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.7227/CST.8.3.5>

RIOS, Clarice; ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; et al. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 53, p. 325–336, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200325&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 22 abr. 2025. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0146>

ROCHA, Pablo Almeida; GOMES, Anna Carolina Pereira; SOUZA, Anna Júlia Arraes Alves de; et al. O impacto da camuflagem social no diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 6, p. e16579, 2024. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/16579>>. Acesso em: 25 abr. 2025. <https://doi.org/10.25248/reas.e16579.2024>

ROSA, Alexsandra. **Protagonistas autistas na cultura ficcional**. 2020. Disponível em: <http://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/1996>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. ACCIO FANDOM: Harry Potter – de livros para a história transmídia com o engajamento dos fãs. **Vozes e Diálogo**, v. 15, n. 01, 2016. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/8797>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SARTORELLI, Helisa; ABREU FONSECA, Kátia; PAULA BOCARDON NUNES PINTO, Naiana. O Capacitismo no Transtorno do Espectro Autista. **Revincluso - Revista Inclusão & Sociedade**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 19, 2023. DOI: 10.36942/revincluso.v3i2.694. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/revincluso/article/view/694>. Acesso em: 22 abr. 2025. <https://doi.org/10.36942/revincluso.v3i2.694>

SILVA, Ávylla Germano Santos; CHAVES, Simone Pereira Lins; ALMEIDA, Larissa Nadjara Alves; et al. Aspectos sensoriais e a seletividade alimentar da criança com transtorno do espectro autista: um estudo de revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e557101018944, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18944>. Acesso em: 21 abr. 2025. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18944>

UNDERHILL, Jill Cornelius; LEDFORD, Victoria; ADAMS, Hillary. Autism stigma in communication classrooms: exploring peer attitudes and motivations toward interacting with atypical students. **Communication Education**, v. 68, n. 2, p. 175-192, 2019. <https://doi.org/10.1080/03634523.2019.1569247>

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **Slash: a fan fiction homoerótica no fandom potteriano brasileiro**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4045>>. Acesso em: 24 abr. 2025.

VIEIRA, Ângela Maria Machado Muniz. **Eutista: um quadrinho sobre o diagnóstico de autistas adultos**. 2023. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/12509>. Acesso em: 21 abr. 2025.

WLODARCZYK, Agata. Fifty Years of British Time Travel in a Blue Box. BBC's Doctor Who and its Fans. **Hwaet!**, vol. 4. Disponível em: https://www.academia.edu/3649158/Fifty_Years_of_British_Time_Travel_in_a_Blue_Box_BBCs_Doctor_Who_and_its_Fans. Acesso em: 21 abr. 2025.

YODOVICH, Neta. How long is life-long? Evaluating and measuring time through life-long/long-term fandom. **Journal of Fandom Studies**, The, v. 11, n. 2–3, p. 189–204, 2023. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/jfs_00081_1. Acesso em: 21 abr. 2025. https://doi.org/10.1386/jfs_00081_1

ZUCKER, Caren. **Outra sintonia - A história do autismo**. 1a ed. [s.l.]: Companhia das Letras, 2017.